

MUSEU INTERATIVO Do ARROZ

Trabalho de Conclusão de Curso I
Acadêmica: Ana Caroline Mondardo Boeira

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão devo primeiramente ao meu Deus, que habita em meu coração e que transforma tudo ao meu redor e ao meu anjo da guarda por ter me proporcionado luz e proteção.

Agradeço aos meus pais, Cleodomar Boeira e Maria de Lourdes pela força, dedicação e paciência que tiveram nessa jornada junto comigo.

A minha orientadora Stela Maris Ruppenthal por ter passado todo o seu conhecimento, sempre presente e disponível sem medir esforços, sendo além de professora uma grande amiga, me apoiando e incentivando a sonhar.

A todos os professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo por todo o ensinamento passado sendo esse válido tanto para a vida pessoal como para a vida profissional. Serão sempre lembrados por fazerem parte da etapa mais importante da minha vida.



MUSEU INTERATIVO DO ARROZ EM TIMBÉ DO SUL

Trabalho de Conclusão de Curso I
Acadêmica: Ana Caroline Mondardo Boeira
Orientadora: Stela Maris Ruppenthal
TEMA:

CULTURA EDUCAÇÃO LAZER

PALAVRAS CHAVE: Cultura, Memória, Turismo,
Intervenção, Timbé do Sul.



SUMÁRIO

1.0 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....15

Introdução, Problemática, Justificativa, Objetivos e Metodologia.

2.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....40

Timbé do Sul – História, Engenho Abel Dal Pont – História , Brownfields, Intervenção, Paisagem, Museu e Cultura do Arroz.

3.0 CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA.....60

Timbé do Sul, Conexões regionais, Características da Cidade, Lote e Entorno, Engenho Abel Dal Pont Situação atual.

4.0 PARTIDO.....75

Referenciais e Proposta.



APRESENTAÇÃO DO TEMA

1

10 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o estudo para o desenvolvimento de um partido geral arquitetônico do Museu Interativo de Arroz no município de Timbé do Sul, para que este seja porta de acesso ao conhecimento e ao mesmo tempo contribua para fortalecer as características culturais, para a melhoria do caráter turístico que a região já apresenta e assim melhorar as condições econômicas do município.

No primeiro capítulo, encontra-se a apresentação do tema, expõe a problemática e a justificativa do tema abordado, além de seus objetivos e da metodologia que deve ser realizada e seguida conforme cada etapa de andamento desse trabalho de conclusão.

O segundo capítulo nomeado como sendo Fundamentação Teórica apresenta de forma sucinta a história e a evolução do município, assim como suas principais características. A definição para uma correta utilização dos principais conceitos, como o termo brownfields e a utilização dos prefixos “re” assim como a definição de paisagem natural e paisagem artificial. Destaca-se a elaboração das análises feitas em relação aos museus e suas transformações, com foco na Interatividade.

A “contextualização do recorte”, nome do terceiro capítulo, apresenta-se a cidade de Timbé do Sul, trazendo análises referentes a sua escala, regional, municipal e do recorte, serão expostas de maneira a explicar e justificar a escolha do terreno.



Fonte: Zé Warnier.



Por fim, o quarto capítulo, traz o “Partido Arquitetônico”, da proposta deste trabalho. Encerra-se com a conclusão que apresenta as expectativas para a etapa seguinte de Trabalho de Conclusão de Curso II e as referenciais bibliográficas consultadas.

É nesse panorama que o trabalho pretende se desenvolver. As etapas apresentadas tem como objetivo estruturar o projeto da apropriação de um edifício já consolidado, marco cultural da cidade de Timbé do Sul, impulsionando a população a valorizar o espaço que era despercebido e ao mesmo tempo fortalecer o contado da população com atividades culturais e informação e assim consequentemente apoiar a educação.

Nessa etapa de Trabalho de Conclusão I, objetiva-se chegar na etapa de partido arquitetônico, para que assim, seja realizada o Trabalho de Conclusão II, tendo como objetivo, alcançar o anteprojeto arquitetônico.

“OS MUSEUS ABRIGAM O QUE FOMOS E O QUE SOMOS. E INSPIRAM O QUE SEREMOS.”

Gilberto Passos Gil Moreira, Ministro de Estado da Cultura.

PROBLEMÁTICA

Timbé do Sul é um pequeno município brasileiro localizado na região sul do estado de Santa Catarina, possuindo cerca de 5.308 habitantes conforme pesquisa IBGE 2010. Seu desenvolvimento aconteceu com a chegada de imigrantes italianos que vieram a procura de novas terras para o plantio, tornando a agricultura uma das suas fontes econômicas principais até então, principalmente no que se diz respeito ao cultivo do arroz, essa caracterizada como sendo sua produção uma cultura típica de pequena propriedade rural, com utilização de mão de obra familiar (EPAGRI, 2005).

Além da agricultura, uma nova alternativa econômica com potencial a ser desenvolvida no município, é o turismo ecológico, a paisagem natural repleta de grande cânions, cachoeiras e seus rios com águas cristalinas se tornam um de seus maiores atrativos.

Sendo assim, durante o ano inteiro o município recebe turistas que buscam entrar em contato com a natureza e que procuram a prática de esportes radicais, como rapel, trilhas e a prática do voo livre. O que atrapalha esse desenvolvimento é a falta de infraestrutura para receber essas pessoas, por conta disso o visitante perde o interesse pela cidade, pois não existem locais de apoio e informação, espaços públicos que integrem e os recepcione e que façam com que retornem ou permaneçam na cidade, gerando assim uma situação precária.

Com tudo, alia-se a falta de incentivo ao turismo, a falta de empregabilidade, transformando Timbé do Sul em uma cidade com caráter de “cidade dormitório”. Muitos moradores trabalham em cidades vizinhas e muitos jovens que optam

por abandonar a cidade em busca de melhores condições e oportunidades.

Em relação a sua paisagem artificial, encontram-se vestígios de uma época não vivida por muitos habitantes timbeenses, que marcam a sua história. Algumas das primeiras construções não contam com o devido cuidado e manutenção por conta do desinteresse da população gerado pela falta de conhecimento sobre o real valor histórico. A consequência disso é que muitos outros locais que faziam parte desse conjunto foram modificados de forma a descaracterizar-se ou se deteriorarem com o passar do tempo.

O Engenho Abel Dal Pont faz parte desse contexto, considerado a maior potência no auge do desenvolvimento de Timbé do Sul, usado para fins industriais no ano de 1950, tornou-se um marco referencial devido a sua localização e o seu porte, possuindo grande potencial para ser reutilizado. A construção se encontra em ruínas o que prejudica a imagem da cidade, dando um caráter de desvalorização e abandono. Além disso, contribui para problemas sociais, como o consumo de drogas e também para o acúmulo de sujeira, tornando um problema a saúde da população.

Existe também um descaso com a cultura, muitas feiras que englobam os pequenos agricultores rurais e artesãos, além de apresentações, reuniões e eventos da comunidade são realizadas em locais improvisados e/ou privados. O Mini Museu da cidade também é um reflexo disso, um ambiente totalmente desvalorizado, pequeno e que não desperta a devida curiosidade de seus habitantes.

Baseada em todos esses aspectos, surge então, a seguinte reflexão: De que forma é possível através da intervenção arquitetônica transformar um equipamento existente, abandonado e esquecido em um marco cultural, turístico e histórico, com vistas a fomentar o desenvolvimento turístico e cultural na cidade de Timbé do Sul?

MUSEU INTERATIVO DO ARROZ

JUSTIFICATIVA

A cultura é umas das características essenciais de uma sociedade, trata-se de uma herança acumulada ao longo dos anos, tornando cada povo singular em meio ao coletivo, de acordo com seus costumes, tradições e valores. É de extrema importância mantê-la viva e fortificada pois ela é um elemento que tem como resultado o desenvolvimento de cada indivíduo, transmitindo o sentimento de pertença, contribuindo para a sua evolução intelectual, tornando-o um cidadão mais sensível e consciente e assim integrando-o em sua comunidade e dando-lhe condições de bem estar.

Como já mencionado, o município possui um potencial grande para o desenvolvimento do turismo e com a inserção da BR-285 no município de Timbé do Sul, cria-se a expectativa de que o fluxo de visitantes será maior pois o trajeto é considerado uma rota turística e o caminho mais curto entre a Argentina e o Porto de Imbituba.

Por conta disso, a partir de uma edificação marco referencial da cidade, aonde no passado funcionou uma das primeiras empresas de beneficiamento de arroz pretende-se desenvolver um projeto arquitetônico de um Museu Interativo do Arroz afim de que ele seja um instrumento de reflexão social, impulsionando a comunicação entre o território, o patrimônio e a sociedade, resgatando a cultura da cidade, valorizando as famílias rurais e assim desenvolvendo e contribuindo para o potencial turístico da região, considerando a inserção da BR-285.

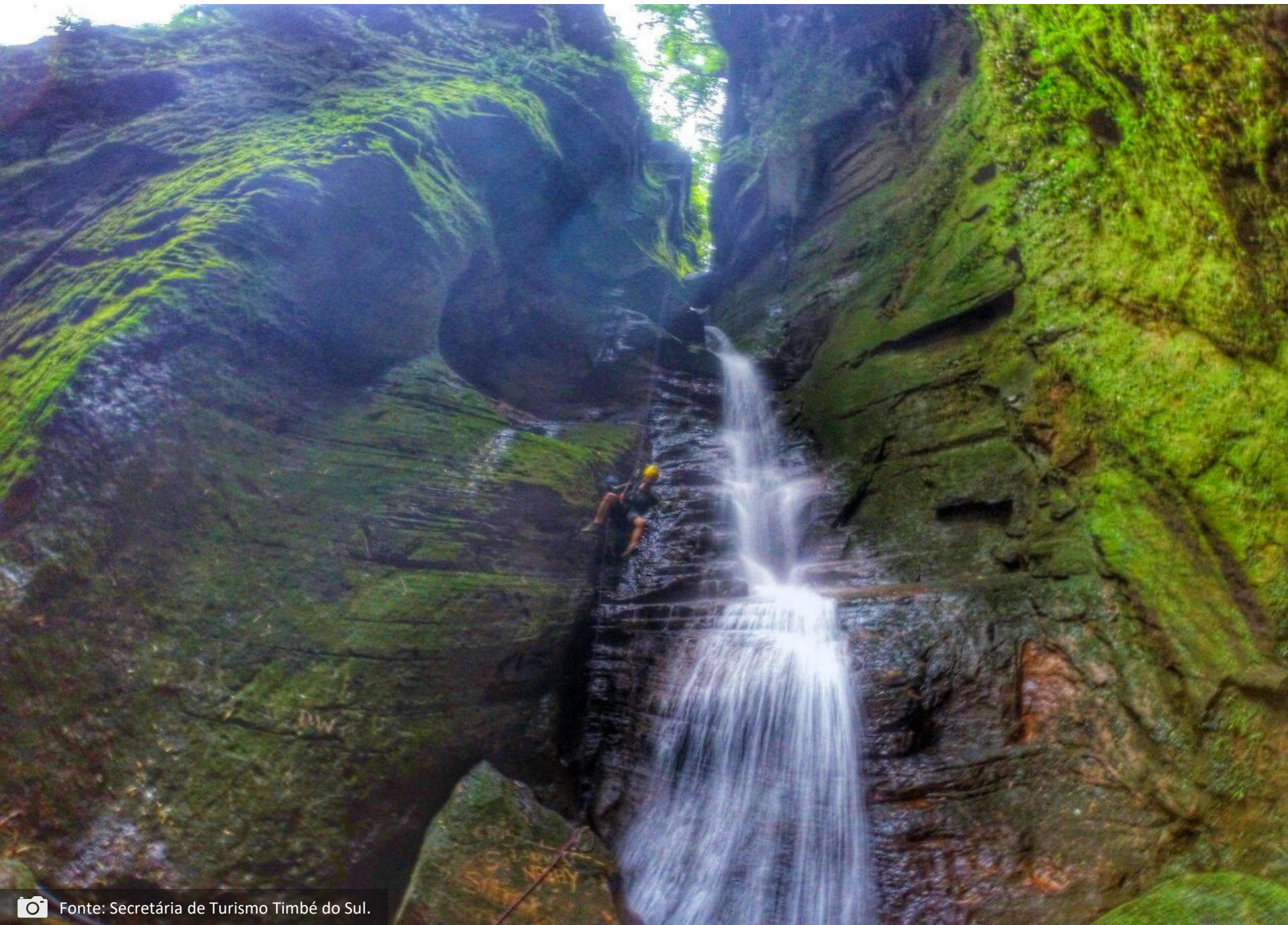
O museu, tal como a sociedade, está em constante fase de

transformação, tendo obrigatoriamente de acompanhar a evolução dos novos desafios que se colocam diariamente. A ideia da interatividade nasce da perspectiva de quebrar o preconceito em relação à monotonia dos museus, unindo entretenimento e aprendizagem. A interação é caracterizada pela relação entre objeto e pessoa, contribuindo para a educação informal e a fácil aprendizagem. Além disso, pretende-se abordar diversas atividades com a criação de várias outras funções, como restaurantes, auditórios, espaços de contemplação para que o local seja um equipamento que sirva não somente ao turista mas que também sirva de apoio para toda a comunidade para suprir em partes a falta dos espaços públicos.

Resume-se:

A partir de uma edificação existente, marco arquitetônico referencial da cidade, onde no passado funcionou uma empresa de beneficiamento de Arroz vislumbra-se a possibilidade, através do resgate cultural, de desenvolver o potencial turístico da região considerando a inserção da BR-285 no município de Timbé do Sul.

MUSEU INTERATIVO DO ARROZ



4.0 OBJETIVO GERAL

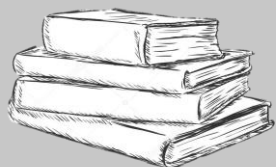
Elaborar o anteprojeto arquitetônico de um espaço público difusor da cultura, do lazer e do turismo como forma de incentivo ao desenvolvimento cultural e turístico, apropriando-se de uma construção já existente em situação de abandono e degradação.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS PARA O TC1

- Realizar um estudo e fazer um levantamento teórico bibliográfico para obter a compreensão da história e da evolução do município de Timbé do Sul, assim como seus reflexos dentro das características atuais;
- Construir embasamento teórico, para conhecer os conceitos adequados a serem abordados no desenvolvimento da pesquisa;
- Estabelecer uma comunicação efetiva com o visitante, mantendo importantes interfaces com o turismo;
- Propor um partido arquitetônico conectado com os condicionantes urbanos, arquitetônicos e históricos identificados.

Fundamentação Teórica

Pesquisar, estudar e elaborar com base na leitura, na seleção e na interpretação dos resumos literários de publicações relevantes e de fonte segura – sejam esses, textos, artigos ou livros - consistindo em embasar por meio das ideias de outros autores o material teórico que fundamente os temas e aspectos abordados nessa pesquisa.



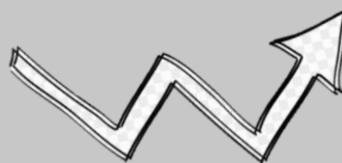
Contextualização do Recorte

Esta etapa consiste em avaliar e analisar o recorte, fazendo a leitura da cidade através de mapas e esquemas com o intuito de compreender seus aspectos e seu contexto na qual está inserida e assim definir as condicionantes de projetos.



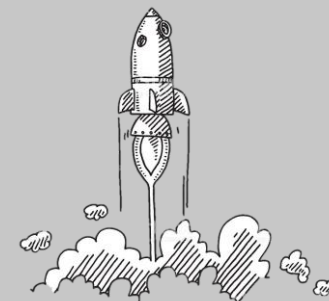
Definição de Diretrizes

A partir das pesquisas realizadas e o melhor entendimento em relação a contextualização do recorte, elaborar diretrizes assim como as ações de projeto amparando-as junto as análises de referencias arquitetônicas.



Partido

Elaborar a proposta de partido arquitetônico através de materiais gráficos, como por exemplo, esquemas conceituais, plantas, cortes e croquis, seguindo as decisões colocadas no programa de necessidades, diretrizes e conceitos com base no material pesquisado.





FUNDAMENTÇÃO TEÓRICA

2

TIMBÉ DO SUL: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

Luiz Gonzaga e Viturino Duarte com o incentivo do governo imperial receberam uma sesmária compreendendo a maioria das terras de Timbé do Sul, a área na época era assinalada como sendo um espaço em branco, consistindo apenas de mata fechada.

“ [...] Iniciaram a jornada acompanhados de bons cães, armados com facões, garruchas, espingardas, carregando nas próprias costas, foices, machados e outros apetrechos e pernoitando noites ao relento com destino aos costões da Serra, á procura de terras de barro e devolutas [...]”. (SAVI,1992 p.17).

No ano de 1915, esse pioneiros decidiram lotear as suas posses afim de vender as terras, sendo essas povoadas no ano de 1917 pelos imigrantes italianos e descendentes que procuravam novas terras férteis, seguras de enchentes e alagamentos a fim de plantar, colher, criar seus animais domésticos e prosperar. Com o passar dos anos migrantes que vieram das colônias oficiais mais antigas da região de Urussanga e de Nova Veneza começaram a povoar outras comunidades de Timbé do Sul, constituindo o Rodeio da Corticeira, ou posteriormente a Rocinha, como o município foi inicialmente conhecido.

Segundo SAVI (1992), logo após os primeiros anos do período de desbravamento, nas folgas das safras, os colonos foram substituindo suas habitações primitivas e rústicas por casas afrontadas e assoalhadas com tábuas. Nessa época não se construía em alvenaria. Quase todas as casas tinham sótão, escada externa e de dois pisos, sendo que o primeiro era aproveitado para o armazenamento da safra de arroz em casca.

No ano de 1919 iniciou-se a abertura da Serra da estrada de rodagem Araranguá – Rocinha incrementando o desenvolvimento dessa sesmária, sendo que um ano após a abertura começou a desenvolver as primeiras casas de comércio e serraia e logo mais em 1927 foi construída a primeira Escola e a primeira Igreja.

O desenvolvimento sócio econômico dessa época se dava pelo o beneficiamento de madeira, moagem de milho e beneficiamento de arroz. Quando a cultura do fumo chegou a região, modificou o visual das propriedades rurais, com a nova forma de trabalho sistemático por conta das novas tecnologias, fazendo com que o colono perdesse o tradicional hábito da produção agrícola diversa.

A abundância de uma planta conhecida como taimbé e a má pronuncia dos imigrantes originou o nome “Timbé”, sendo que em 1968 o município passou a se chamar Timbé do Sul.

Abertura da Estrada da Serra Geral.



Primeira Igreja.



Primeira Serraria.



Surgimento da primeira praça.



ENGENHO ABEL DAL PONT – HISTÓRIA

O Engenho Abel Dal Pont era uma indústria voltada ao beneficiamento de arroz. Atualmente faz parte da memória e da identidade do município, pouco valorizada pelos moradores. A empresa foi uma das primeiras a surgir na região, sendo por muitos anos a maior, gerenciada pelos irmãos Antônio, Ferminio e Abel.

Dos relatos de Idelfonso Dal Pont (filho), Abel Dal Pont (in memoriam) era morador de Timbé do Sul e começou a gerar sua economia através do arroz.

Foi o criador da técnica de parbolização, processo de cozimento e secagem do grão utilizado até hoje. Por anos Abel procurou aperfeiçoar a técnica e com o tempo o seu engenho que era um pequeno galpão de madeira se transformou, em 1954, em uma grande empresa geradora de mais de 60 empregos na cidade.

O arroz ensacado na roça era transportado por carro de boi, carroça e até mesmo carriola das colônias para a empresa, o serviço era todo braçal. Primeiro realizava o processo de inchaço do arroz dentro dos tanques e depois colocavam dentro das caldeiras para o arroz secar e assim, descasca-lo. O turno da empresa era interrupto, sendo que muitos acidentes ocorreram, as pessoas adoeciam por conta da poeira e pela negligência gerada pela falta da fiscalização que na época não existia.

A empresa foi crescendo cada vez mais, em 1990 já distribuía o arroz para todo o Brasil, principalmente para Rio de Janeiro e São Paulo. Com isso, a família abriu novos investimentos, uma delas foi uma construtora na cidade de Criciúma. Em 1995, a administração da construtora não estava indo bem e se apoiou da economia do engenho para se manter, resultando na falência dos dois empreendimentos. A partir desse momento iniciou as ações de sucateamento das instalações do engenho.

Os telhados da edificação foram vendidos para cobrir as contas deixadas e atualmente o proprietário vem retirando pouco a pouco os tijolos maciços para a venda. Devido a falta de cobertura a situação de deterioração da edificação piora, resultando na degradação da imagem local, trazendo um ar de abandono a cidade de Timbé do Sul dado o porte do empreendimento. O local possui grande vantagem em ser reutilizado, caracterizando-se como Brownfield.

Engenho Abel Dal Pont.



Fonte: Secretária de Turismo Timbé do Sul.

CONCEITO DE BROWNFIELDS

Com o acelerado processo da industrialização a qualquer preço, houve a apropriação incondicional e desmedida do solo, resultando no crescimento das cidades de modo desordenado devido as demandas das novas atividades urbanas.

Parte desse resultado foi o surgimento de instalações industriais e comerciais, sendo que devido as constantes transformações econômicas, queda no mercado, disponibilidade de uma locação melhor, entre outros motivos, fizeram com que essas instalações fossem desativadas com o tempo, se tornando dentro do espaço urbano extensas áreas abandonadas, desocupadas ou subutilizadas.

Essas áreas são denominadas Brownfields ou “campos marrons” em sua tradução, sendo esse termo pouco empregado no Brasil. São locais cujo seu redensolvimento é dificultado por conta da suspeita ou contaminação real como consequência do seu uso anterior, mas que mesmo nessas condições possui um potencial de uso.

O termo foi utilizado para distinguir os chamados Greenfields ou “campos verdes”, que se referem as áreas agrícolas distantes dos centros urbanos e que apresentam boas condições, florestadas e com parques.

“[...] Os brownfields podem ser classificados como sendo antigas indústrias ou comércio, terreno ou edifício, estarem em áreas urbanas ou rurais, estarem contaminados ou não, sendo que a característica comum de todos seja a possibilidade de refuncionalização [...]” VASQUES,2005.

Acrescenta-se, que a condição mais importante para a ser considerada na identificação do brownfield, é que a atividade ou uso principal para qual esse empreendimento foi concebido não exista mais e nem haja condições de ser desenvolvido novamente.

A grande maioria desse locais podem representar espaços marginais, pois em decorrência do estado em que se encontram, tornam-se espaços associados a diversos problemas sociais, como crime, roubo de materiais, comércio de drogas, habitação clandestinas, contribuindo para a desvalorização do entorno e além disso, podem apresentar riscos a saúde pública, segurança e ao meio ambiente, pois podem se tornar depósitos de lixo, necessitando de **intervenção** imediata. Os brownfields podem ser classificados em:

Desocupado: teve um uso mas encerrou suas atividades por um significativo período de tempo;

Parcialmente ocupado: ainda possui um uso produtivo;
Abandonado: encontra-se danificado, incapaz de ter um uso sem tratamento;

Degradado: danificado pelo tempo ou por alguma ação;
Contaminado: contém resíduos tóxicos;

8.0 INTERVENÇÃO

De maneira geral, o significado de Intervenção aborda o ato ou efeito de intervir, isto é, é realizar uma intercessão ou mediação em situações consideradas tormentosas.

Intervenção Urbana

Espaço Público + Movimento Artístico

Modificação da Paisagem + Particularização de Lugares

=

Torna um elemento percebível + comunicação com a sociedade.

Na área de Arquitetura e Urbanismo, as intervenções urbanas surgiram na década de 50, logo após a Segunda Guerra Mundial. Muitas cidades sofreram com os bombardeios sendo essas degradadas e conseqüentemente abandonadas, com isso surgiu o processo de recuperação dessas áreas, dando início ao aparecimento das terminologias com o prefixo “re”, sendo essas utilizadas até nos dias atuais: **Renovação, Revitalização, Requalificação e Reabilitação.**

Atualmente, o ato de intervir está relacionado com o crescimento acelerado das cidades sem nenhum tipo de planejamento, assim tornando-as desordenadas de modo que não haja mais espaços livres para a construção, além disso, compreende-se também a importância de preservar o bem histórico, fazendo com que o ato de reciclar seja necessário.

As intervenções urbanas designam projetos que visam a modificação da paisagem com o objetivo de retomar, alterar (total ou parcialmente) ou acrescentar novos usos afim de promover a apropriação da população daquele determinado espaço.

Porque Intervir?

De acordo com Vargas (2006) , são listados algumas justificativas e objetivos dada a importância desse processo:

- Reusa as estruturas pré-existentes e o terreno, recuperando o capital investido na edificação, melhorando a aparência do local, valorizando a propriedade e gerando benefícios a comunidade.
- Representa um aproveitamento mais eficiente do espaço urbano ou seja, auxilia na diminuição dos desperdícios urbanos e na preservação de áreas verdes.
- O retorno a produção gera novos tributos que vão aumentar a viabilidade econômica da comunidade, gerando emprego e renda.
- Reforço da referencia/identidade/diversidade, beneficiando o ambiente, as pessoas e a economia.

Cada tipo de intervenção tem um princípio básico para agir no espaço e melhorá-lo, todas elas, no entanto, estão ligadas à mesma ideia: transformar e regenerar espaços, zonas ou áreas urbanas, a seguir, será resumidamente apresentado cada uma delas conhecidas como: estratégias de intervenção, juntamente com alguns projetos que foram selecionados para uma melhor compreensão.

8.1. **RENOVAÇÃO**

Objetivo: Substituir as formas existentes por outras mais contemporâneas; (trata de substituir, reconstruir, portanto pode alterar o uso).

Para Vargas e Castilho (2009), a renovação urbana foi a fase inicial dos processos de intervenção entre as décadas de 1950 e 1970 momento no qual os ideais do modernismo se une com a reconstrução do pós-guerra, aonde que demolir e reconstruir eram o propósito dessa geração.

Assume-se então que o termo renovação carrega consigo o significado da substituição, tendo a sua preferência voltada para o novo, resulta na adaptação das formas urbanas deterioradas, envelhecidas, degradadas ou desadequadas por outras mais contemporâneas por meio da demolição, gerando características distintas do seu estado original, sendo essas moldadas as mudanças de atividades do espaço e do seu contexto (MOURA, 2006).

A crítica desse modelo coloca-se no plano social, gerando polêmica uma vez que desfaz os laços dos habitantes da área renovada, pois geralmente esses são removidos para outros lugares, rompendo brutalmente o sentimento de pertença e a afetividade e relação com os vizinhos.

Por fim, essa intervenção é considerada de grande escala, pois pode abranger edifícios, transporte e infraestrutura de uma determinada área urbana.



Projeto Nova Luz

Brasil, São Paulo

A região da Luz foi destino de residências de luxo, grandes comércios e serviços voltados a classe média e alta da cidade de São Paulo, o bairro desde então vem empobrecendo.

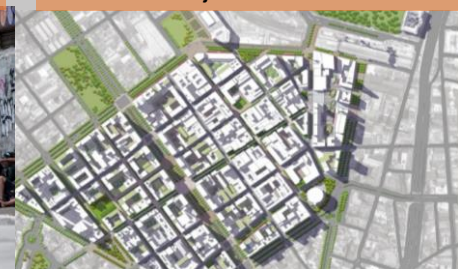
A implantação da rodovia no ano de 1916, trouxe um trânsito mais pesado de ônibus e caminhões fazendo com que os moradores mais exigentes, esses compreendidos na elite local, se descolassem para novos centros. Com a baixa procura dos imóveis houve o declínio dos preços, atraindo moradores das classes de renda mais baixa.

O projeto divulgado em agosto de 2011, propõe desapropriar, comprar e demolir um total de 378 habitações, aonde que em seus lugares serão construídos empreendimentos imobiliários, infraestrutura urbanística e equipamentos urbanos, juntamente com a promessa aos moradores de que os mesmos serão remanejados para áreas próximas, dentro do Nova Luz. Atualmente o projeto encontra-se suspenso por conta dos diferentes interesse entre a população e o poder público, mas boa parte que engloba o projeto já encontra-se semidemolido.

Atual Situação do Recorte.



Projeto Nova Luz.



Fonte: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/nova-luz..>

82 RE VITALIZAÇÃO

Objetivo: Confere ao termo o significado de vitalidade, dando para uma determinada obra uma nova vida, resgatando a sua função, ou seja, aprimorar suas atividades já estabelecidas; (Trata de recuperar o espaço ou construção).

Esse processo de intervenção se destacou entre os anos de 1970 até 1990, desencadeado em confronto com os excessos do modernismo. Nesse período tinha como prioridade o resgate dos edifícios históricos afim de gerar orgulho cívico e a reestruturação das áreas centrais com o propósito de privilegiar o comércio, devido ao deslocamento da população residentes e de investidores para outras regiões da cidade. (VARGAS, 2009)

Utiliza-se esse processo quando pretende-se revalorizar uma determinada área, porém com a intenção de que respeite-se ou incorpore a paisagem existente e os valores históricos de identidade, de memória e estéticos presente neles, podendo em algumas situações gerar uma reconfiguração total ou em locais pontuais.

Introduz valores de modo cumulativo, isto é, intervém a longo e médio prazo assumindo vínculos entre território, atividades e pessoa. (MOURA, 2006).



CANAL CHEONG GYE CHON

Capital da Coreia do Sul, Seul



O rio abastecia a população coreana de água potável, mas com o passar dos anos diversos imigrantes se instalaram em suas margens, tornando rio uma vitrine da pobreza local.

Poluído e com as frequentes inundações, gradualmente o mesmo foi sendo coberto pelo concreto, os trabalhos começaram em 1958 e significavam essencialmente sepultar o rio, cerca de 6 km de vias elevadas foram construídas.

O prefeito de Seul, no ano de 2002, teve a iniciativa de eliminar a autoestrada com a intenção de tornar a cidade um símbolo das cidades modernas e ecologicamente corretas, transformando a estrada em um parque linear.

A água foi resposta e foram incluídas instalações de arte pública, caminhos e corredores para pedestres hoje o local é atração turística.

Início das obras, 1958.



Vias Elevadas.



Fonte: <http://www.au.pini.com.br/au/solucoes/galeria.aspx?gid=4067>

8.3 REQUALIFICAÇÃO

Objetivo: Atribuir uma nova função buscando a valorização das características de um território; (Dá uma nova função enquanto melhora o aspecto).

A requalificação é um processo que tem como intenção a manutenção dos elementos simbólicos (históricos e culturais) que remetem o seu contexto no qual foi inserido, mas pretende junto a esse processo (re)criar o espaço, modificando a atividade que ali foi exercida, tornando o território mais atrativo, fazendo com que as pessoas se apropriem do local sem descaracteriza-lo.

CARVALHO (2005) refere que a principal estratégia da requalificação é que ela esteja em sintonia com as principais tendências evolutivas contemporâneas em matéria de desenvolvimento e planejamento urbano, revelam a primazia da reutilização de infraestruturas e equipamentos existentes em detrimento da construção nova e a reutilização/reconversão de espaços urbanos (devolutos, abandonados ou degradados, em particular) com o objetivo de melhorar as suas condições de uso e fruição”.

Busca de modo geral, superar e corrigir distorções e deficiências melhorando o aspecto da construção, promovendo a atualização da cidade e a conciliação entre edifício e a população.

BAR CAPTAIN CENTRAL CERVECERA
Córdoba, Argentina

Para transformar o boêmio Bairro Güemes da cidade de Córdoba e torná-lo um lugar novamente atraente e em uma história viva da cidade, uma antiga estação de polícia se converteu em um bar monumental.

Este bar é construído no marco de uma galeria comercial à céu aberto chamada Barrio, foi projetado em um formato moderno baseado na originalidade do espaço que estava sendo construído, revelando uma estética industrial acentuada, sem deixar de se comover com o projeto simples e as formas clássicas.

Com muito concreto, aço e vidro, o local possui uma área interna e duas agradáveis áreas externas, sendo uma delas um terraço na cobertura. Canos de aço vermelhos percorrem todos os ambientes, servindo para canalizar a cerveja entre os diferentes ambientes e decorar.

Estilo Industrial, tubulações aparentes.

Bar em conceito aberto, terraço.



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/767966/capitan-central-cervecera-guillermo-cacciavillanar-makers>

8.4 REABILITAÇÃO

Objetivo: Melhoramento das condições do imóvel pelo processo de recuperação, estando ligado a ação de restauro com a intenção de manter e salvaguardar o edifício; (trata de restaurar, mas sem mudar a função).

O conceito de reabilitação é considerado muito recente sendo este utilizado no novo milênio, entre os anos de 1980 e 2000, o seu princípio está associado ao rejuvenescimento de áreas urbanas envelhecidas, sendo assim, esse termo se sobressai aos outros por ser o que mais pressupõe a preservação e conservação de seus elementos, com tudo, observa-se que geralmente essa maneira de intervir está mais ligada aos edifícios.

É entendido como um processo de transformação do espaço urbano, compreendendo a execução de obras de conservação, recuperação e readaptação de edifícios, com o objetivo de melhorar as suas condições de uso e habitabilidade, conservando, porém o seu carácter fundamental, mantendo a sua autenticidade para que assim as gerações futuras possam ter acesso a sua história, ao seu passado (MOURA, 2006).

Segundo PINHO (2009) reabilitar os edifícios e grupos de edifícios com valor patrimonial ou que se localizem na envolvente de monumentos merecem ser conservados, assegurando a permanência da população que os ocupa.



CENTRO ANTIGO DE SALVADOR

Bahia, Brasil

A cidade de Salvador foi um dos primeiros centros urbanos do Brasil e é atualmente a terceira maior capital em população no país com 3 milhões de habitantes e guarda hoje características do traçado do sítio histórico original que foi planejado para ser umas das primeiras áreas urbanas do continente americano a ocupar o lugar de capital colonial.

Atualmente, a área apresenta uma significativa concentração de problemas sociais, contribuindo para a degradação do patrimônio edificado e para o agravamento das más condições de vida da população residente.

O Plano de Reabilitação do Centro Antigo de Salvador, elaborado com a participação popular, nasceu com a missão de transformar o território em um local bom para morar, trabalhar, frequentar e visitar. São intervenções, como restauração de igrejas e monumentos, recuperação externa de casarões históricos e a manutenção constantes do patrimônio que integram o rico conjunto arquitetônico.

Processo de Intervenção do Centro Histórico



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/624697/masterplan-estrategico-para-o-centro-antigo-de-salvador-carlos-leite-e-adriana-levisky>

PAISAGEM

A paisagem faz parte do nosso cotidiano e da vivência da população estando em constante transformação, sendo está composta por elementos do presente e do passado, assim estando dotada de aspectos naturais e culturais que nos transmitem diferentes sensações, podendo transmitir alegria, tranquilidade, fantasia assim como, sentimentos de tristeza, melancolia, para cada pessoa a paisagem pode representar algo ou um valor.

Com tudo, o significado do termo passou por inúmeras mudanças, durante a Idade Média e parte do Renascimento, a ideia de paisagem que se tinha era classificada em duas: a paisagem idealizada – expressada através da pintura aonde se retratava a natureza – e a paisagem concreta, essa compreendida no espaço vivido (POLETE,1999). Atualmente, a sua compreensão e definição pode ser considerada imprecisa, podendo ser tratada por diferentes maneiras.

Rodriguez (1984) adota a noção de paisagem como um todo sintético em que se combina a natureza, a economia e a sociedade, a cultura e a religião, já para Santos (1996) pode ser definida como sendo tudo aquilo que a nossa visão alcança, não se delimitando apenas aos volumes, as cores, ao tamanho, mas também considera a audição, o olfato, o tato e o paladar, ou seja, é tudo aquilo chega aos nossos cinco sentidos.

Em uma definição mais recente, próxima a de Rodriguez, Rosangela Maria Pontili e Ana Paula Colavite (2009) defendem que não se deve estudar a natureza ou a sociedade como elementos isolados, e sim há de se entender que fazem parte de um todo, e a forma como esses encontram-se conectados é considerado como paisagem.

De modo geral, a paisagem é tratada por alguns autores de uma maneira mais homogênea, para outros são vários os tipos de paisagem, classificando a paisagem de uma forma heterogênea, como por exemplo Buólon (1994) que classificam a paisagem em três:

Paisagem Natural: Conjunto de caracteres físicos e visíveis de um lugar que não foram modificados ou pouco alterados pelo homem;

Paisagem Cultural: Paisagem modificada pela atividade e presença do homem (culturas, cidades e etc.).

Paisagem Urbana: Conjunto de elementos plásticos e naturais e artificiais que compõe a cidade, ou seja, tudo aquilo que foi construído pelo homem dentro do espaço natural, é o conjunto de colinas, rios, edifícios, ruas, praças, árvores, anúncios e etc.

Paisagem Natural.



Paisagem Urbana/Cultural.



Fonte: Secretária de Turismo de Timbé do Sul.

PORQUE A PAISAGEM É IMPORTANTE ??

Como já citado, podemos compreender a paisagem como sendo o resultado histórico-cultural de um local, por conta disso, ao analisá-la compreendemos a sua configuração e as diferentes dinâmicas referentes ao seu funcionamento, pois a paisagem revela ou emite informações de forma a denunciar as suas características econômicas, políticas e culturais que estruturam o seu processo de formação e organização espacial. Por fim, a paisagem não deixa de ser uma identidade e é através dela que reconhecemos os lugares e suas particularidades, com tudo, a importância da paisagem é também atribuída por ser um componente essencial para o turismo, servindo como um dos principais fatores de atração, seja pela sua natureza ou pela sua Arquitetura.

“ [...] O primeiro contato do turista com o local visitado acontece através da visão da paisagem. Durante um tour o viajante se depara com uma diversidade enorme de paisagens, sejam naturais, culturais ou construídas, essas imagens é que permanecem no seu inconsciente e ao voltar para casa o turista se recorda dos lugares, das pessoas e das paisagens visitadas. Isso gera uma sensação de nostalgia além de acrescentar conhecimentos, e também leva as pessoas a cada vez mais buscarem o novo [...] ” (BOLSON,2004).

O turismo é definido pela Organização Mundial de Turismo/Nações Unidas (OMT, 1991) como “as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”. Sendo esse, responsável por diversas alterações no espaço em que é praticado, como a distribuição de renda no local, a aceleração do processo de urbanização e renovação tecnológica, geração de empregos. (SANTIAGO, 1995).

Salientamos os tipos de turismo presentes em Timbé do Sul:

1) Turismo de lazer:

Praticado por pessoas que viajam por prazer, sem muitas pretensões. Desejam apenas conhecer novos locais, mudar de ambiente, descansar, rever amigos, visitar parentes, curtir paisagem, sair em férias com a família.

2) Turismo de eventos:

Praticado por quem deseja participar de acontecimentos promovidos com o objetivo de discutir assuntos de interesses comuns ou para expor ou lançar novos artigos no mercado.

3) Turismo desportivo:

Praticado por pessoas que vão praticar ou assistir a eventos desportivos. Os mais populares na cidade são o Rapel e o Voo Livre;

5) Turismo cultural: praticado sobretudo por pesquisadores, técnicos, cientistas, estudantes em busca de novos conhecimentos;

6) Turismo ecológico:

Praticado por pessoas que apreciam a natureza.

Existem muitos outros tipos de turismo, mas esses são os que atraem o maior número de visitantes devido às características locais do município.

10. MUSEU

É comum do ser humano guardar e colecionar objetos para alimentar a lembrança e documentar algo que foi vivido, foi a partir dessa necessidade que surgiu os “gabinetes de curiosidades”.

Esses locais além de obras de artes possuíam objetos diversos, como por exemplo instrumentos cirúrgicos, peles de animais raros, medalhas, pedras gravadas e outros. Essas coleções serviam para demonstrar fineza e bom gosto, geralmente eram vistos somente por membros da família e outros colecionadores. (GUIMARÃES, 2011).

Foi apenas no período Renascentista que as galerias, posteriormente museus, passaram a ser abertas para a visitação do público, onde começaram a repassar a população a cultura e a história por meio de objetos e documentos, mas no sentido de se trabalhar a noção de nacionalidade (SILVA, 2007).

Partindo desse processo dos primeiros museus e de sua conceituação, tem-se que eram entendidos como espaços aonde eram alocados objetos curiosos, exóticos e antigos com a intenção de preservá-los, porém esse entendimento sofreu alterações a medida que o museu passou a ser um simples local de armazenamento de objetos, para um espaço que trabalha com relações sociais, evolução, ciência e além disso, a diversão.

Segundo o Departamento de Museus e Centros Culturais IPHAN/MinC, é definido como museu uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e, que apresenta as seguintes características:

I - o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas

manifestações;

II - a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III – A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV - a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais.

O conceito mais recente que se tem de museu é expresso na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009 que estabelece em seu Artigo 1o:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Com tudo, a sua forma e a sua função variaram sensivelmente ao longo dos séculos, seu conteúdo diversificou tanto quanto a sua missão (DESVALLÉS e MAIRESSE, 2013).

Para melhor compreender como a ideia de museu se estruturou em tempos distintos em relação ao seu modo de colecionar e de mostrar, foi estabelecida uma breve linha do tempo, relacionando os ideais de cada época com as formas diferentes de organização, tendo como referencia o artigo de Flávio Kiefer (2000) sobre a Arquitetura dos Museus :

Galerie François I, França.



Fonte: <http://www.fontainebleau-photo.com/2012/02/les-mysteres-de-la-galerie.html>

Museu do Louvre, França.



Fonte: <https://www.infoescola.com/historia/museu-do-louvre/>

Museu do Louvre, França.



Fonte: <https://www.getyourguide.pt/museu-do-prado-l2773/>

Entre os amantes da arte e a alta elite, o ato de ter salas reservadas utilizadas para guardar coleções e objetos diversos se tornou referência, como sinônimo de bom gosto e fineza como já citado anteriormente.

Até então, os recentes museus eram restritos a população e encontravam nas tipologias dos palácios sua primeira forma de expressão.

No final do século XVIII nascem os primeiros museus construídos e planejados arquitetonicamente dentro do período neoclássico.

Duas maneiras de ver o museu estava presente, o edifício como guardião de tesouros e como um templo de estudos.

O Louvre, é de fato o primeiro museu da história, revolucionou a museografia, agrupando os objetos por escolas e cronologicamente, assim tornou-se referência.

Surgimento dos primeiros museus públicos de fato, um deles foi o Museu Del Prado inspirado no Louvre.

A organização arquitetônica dos museus nesse período, geralmente se dava por uma sucessão de grandes salas interligadas, considerada adequada para a exposição de telas e objetos.

Pela planta baixa de um desses museus, percebe-se a disposição dessas salas, além disso, é notável a predominância pelo cheio no edifício, pois tinha-se o mesmo como um abrigo, que protegia as obras. Com o tempo essa tipologia não era mais eficiente, pois dificultava a comunicação com o público.

1931

Museu Guggenheim, EUA.



Fonte: <https://novayork.com/guggenheim-museum>

As formas modernistas de projetar museus surgem com uma nova proposta de relação entre o artista-museu-expectador.

Os movimentos da vanguarda passaram a chamar os velhos museus de necrópoles da arte, considerando-os cansativos e “pesados”.

Esse período chega simplificando os espaços internos dos museus, a fluidez e transparência tornam-se marcas registradas.

Não era apenas a forma do museu que estava mudando, mas mais uma vez a sua concepção, sendo agora projetado para ser um local agradável com novos serviços.

1947

MASP – Museu de Arte, Brasil.



Fonte: <http://luzandreoli.com.br/masp-simbolo-de-sao-paulo/>

No Brasil, a maioria dos Museus foram fundados no século XX, sendo o mais importante deles o MASP em São Paulo projetado por Lina Bo Bardi.

Uma das características presentes nesse período era o uso predominante do vidro, pois procurava-se o uso exagerado da luz natural, ao contrário dos museus antigos.

Com tudo, a luz natural afetava os acervos expostos e ao mesmo tempo não colaborava em estimular o sentindo do observador.

Século XXI

Museu do Amanhã, Brasil.



Os arquitetos de hoje, tem uma grande liberdade para propor as mais diferentes soluções para seus projetos de museus, podendo incluir desde os velhos princípios até propor formas mais audaciosas.

Isso é refletido também no conceito de museu hoje, mais voltado para o divertimento e a aprendizagem informal, sendo inúmeras as suas possibilidades de conformação.

É nítido o reflexo da função do museu e seu caráter em sua forma, em resumo, os primeiros surgiram como sendo grandes caixas fechadas que guardavam os ricos tesouros, aonde que devido esses artefatos não serem expostos para o público pouco se preocupava em manter uma ligação com a rua, consequência disso era a criação de ambientes escuros. Em contra partida, o modernismo surge com a preocupação de expor a arte através da translucidez, tornando a arte visível mas nada interferindo na dinâmica entre observador e conteúdo.

Hoje, muito ainda resta sobre a ideia do museu ser um espaço de “velharias”, dito sem valor por muitos e monótono, acredita-se que a criação dos projetos audaciosos que encontramos seja resultado desse preocupação de abolir esses conceitos, atraindo as pessoas com suas formas exuberantes e “high-tech” fazendo com que o museu não passe mais despercebido, além disso, os museus não guardam mais apenas objetos do passado.

“[...] O museu de ontem, orientando-se para a coleção, afirmava-se como guardião da verdade, ou seja, como detentor de um conhecimento que correspondia integralmente à estrutura do objeto e que, na sua coerência e objetividade, podia ser transmitido. Essa transmissão, linear e incremental, colocava o público numa posição passiva, absorvendo e repetindo a verdade recebida. A posse e a transmissão de conhecimento por parte do museu conferiam a este uma função pedagógica no seu método e normativa nos seus efeitos.

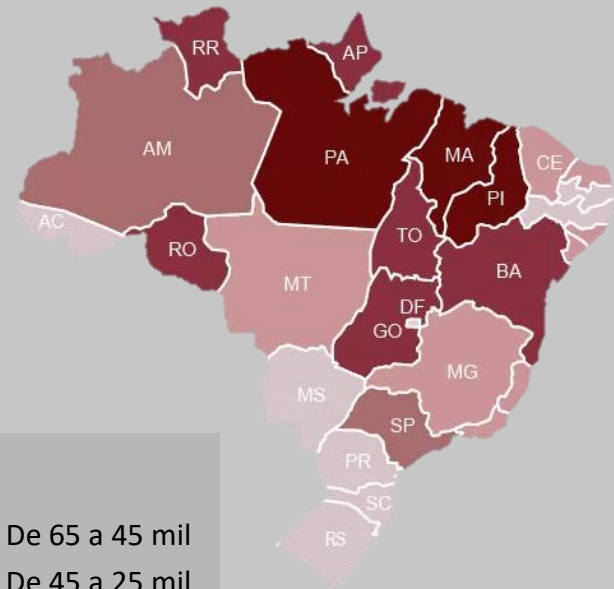
O museu de hoje, ao invés, orienta-se para o público e, tomando em consideração as suas características e necessidades específicas, desenvolve um planejamento global – sem separações entre aprendizagem e entretenimento ou entre razão e sentidos – com que procura complementar a atividade dos visitantes. Cabe, assim, a cada elemento do público assumir uma posição ativa, participativa e construir o seu próprio conhecimento [...]” (BRAZ,2016 p.4).

Museus em Números:

Segundo os dados retirados do Cadastro Nacional dos Museus (2014), o Brasil tem 3.462 museus que guardam história, memórias e pensamentos. Dos 5.564 municípios brasileiros, 79% não têm museus.

As regiões Sul e Sudeste concentram 67,2% dos museus do país.

As regiões com as concentrações mais baixas são a Norte (4,7% dos museus do país) e a Centro-Oeste (7,42%).



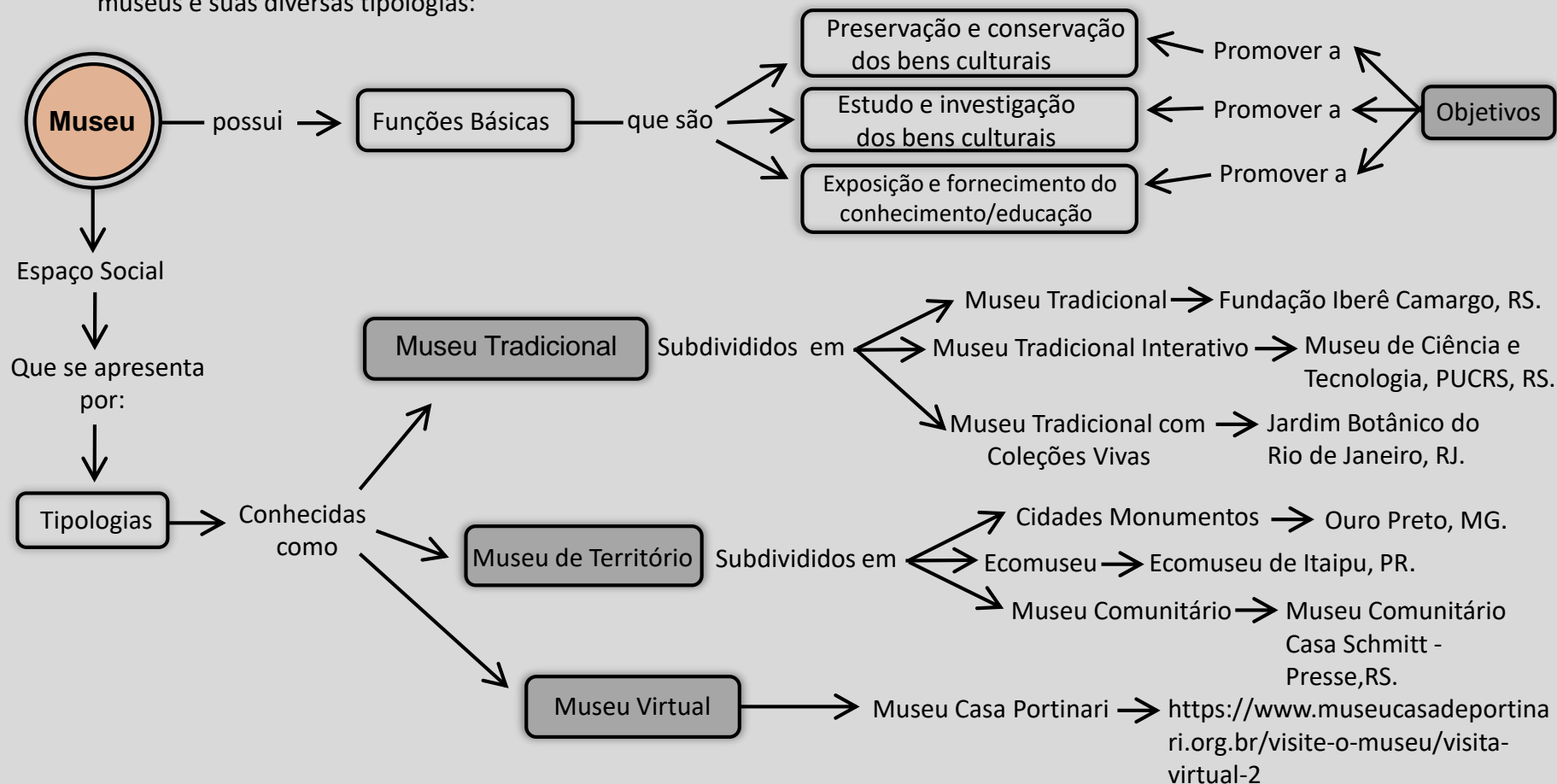
Habitantes por museu:

- Mais de 105 mil
- De 105 a 85 mil
- De 85 a 65 mil
- De 65 a 45 mil
- De 45 a 25 mil

Fonte: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/07/regioes-sul-e-sudeste-concentram-quase-70-dos-museus-do-pais.html>.

10.2 TIPOLOGIAS DE MUSEUS

Os museus possuem diversos modelos, alguns são apresentados na forma material ou imaterial. Para compreender a diversidade de museus no Brasil e no Mundo, segue abaixo um mapa conceitual que mostra de forma sintética as funções dos museus e suas diversas tipologias:



MUSEU TRADICIONAL

Museu Tradicional: O modelo de museu “tradicional” é o que predomina até hoje. Opera processos de musealização ex-situ, ou seja, o objeto musealizado é apartado da sua realidade funcional e elevado à instância representacional no museu. Características:

- Preocupação com a estética do ambiente, sendo essa fundamental para a boa conservação das peças;
- Existências de núcleos de exposições delimitados mas que se integram, de forma a criar um roteiro/circuito definido.
- Há uma ênfase/valorização no objeto, caracterizando a ambientação do museu.



Fundação Iberê Camargo, RS

Fonte: <http://ocafe.com.br/arte/fundacao-ibere-camargo/>.



Museu Tradicional Interativo: Museu didático, móvel, experimental e lúdico. Além de educar possui a função de entreter. Características:

- Exposição em núcleos definidos mas os espaços não são rigidamente delimitados, ou seja, não há roteiros.
- Há uma ênfase na percepção do visitante, trabalhando um novo conceito de objeto.
- A compreensão só é possível com a participação do visitante.



Fonte: PUCRS

Museu da PUCRS, RS

Museu Tradicional Com Coleções Vivas: Suas coleções permitem que a sociedade conheça a biodiversidade e a importância das plantas para a vida no planeta. Características:

- Núcleos definidos por classificação científica ou ocorrência segundo critérios ecológicos (ex.: plantas das Floresta Amazônica; peixes do pacífico)
- Ênfase no acervo, que é constituído por espécies vivas;
- Pode ou não ter um roteiro definido;
- Provoca intensa reação no visitante – mas para que haja real compreensão, é necessário o complemento educativo ou gráfico (ex.: textos)



Jardim Botânico, RJ

Fonte: Ancelmo Boteon.

MUSEU DE TERRITÓRIO

Cidades Monumentos: São cidades que possuem sua área urbana como um objeto patrimonial. Características:

- Surge a partir musealização de um território, sendo que sua exposição é todo o conjunto, tanto a paisagem natural como a construída;
- Ênfase dada às relações entre os diversos componentes do ecossistema, com priorização para a presença humana, ou seja, valoriza os resultados da presença humana sobre o território;
- Pode conter exposições tradicionais, com espécimes e objetos

Museus Comunitários e Ecomuseu: modelo de museu que opera processos de musealização in-situ, ou seja, o objeto transformado em peça de museu não é apartado do seu contexto de ambiência, mas todo o ambiente/ território na integralidade são musealizados. Características:

- Ênfase dada às relações culturais e sociais homem/território;
- Valoriza processos naturais e culturais e não os objetos enquanto produtos da cultura.
- Pode conter exposições tradicionais, baseadas em objetos
- Os museus comunitários possuem a participação da comunidade.

Ecomuseu Itaipu, PR

Fonte: <https://www.turismoitaipu.com.br/pt/atracoes/ecomuseu>

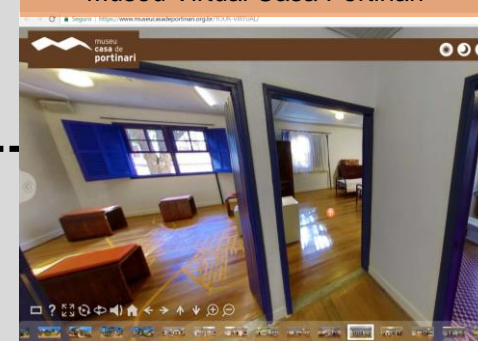


Ouro Preto, MG



Fonte: <http://www.beloehorizonte.mg.gov.br/nodo/33137>

Museu Virtual Casa Portinari



MUSEU VIRTUAL

Museu Virtual: modelo de museu que opera processos de musealização somente em ambiente virtual.

- Não existe em materialidade, a não ser através de um possível registro em código informacional.
- Exposição existente apenas na tela do computador;
- Não tem público, na acepção tradicional do termo – mas visitantes individuais
- Cada visitante tem o potencial de alteração da exposição.

103 MUSEU INTERATIVO

Percebe-se que aos poucos o museu está deixando de ser um local que apenas conserva e expõe, as instituições buscam cada vez mais por novas formas de trabalhar o museu, para que este continue sendo um atrativo, aliando novas funções e fazendo com que haja o aprimoramento da sua função educativa. Como afirma Menezes (2011), um museu pode ter o mesmo acervo durante séculos, mas deve atentar para a necessidade de atualização de sua linguagem – não das obras ou objetos, mas da forma como são dispostos.

Segundo Ferreira (2015), podemos pensar o museu como objeto mediador, entre o indivíduo e o mundo, assim como a exposição como objeto mediador entre o indivíduo e o museu.

Os instrumentos de mediação facilitam o encontro entre o visitante e o artefato, de forma a alcançar os interesses de cada visitante, criando a possibilidade de interpretar a exposição de acordo com a percepção de cada um. Essa aproximação é realizada muitas vezes de forma não pensada, através da arquitetura, que acaba mediando indiretamente ou por instrumentos pensados como por exemplo o conteúdo da temática.

Com tudo, no século XXI o aumento e a diversificação de meios de informação e de comunicação colocam à disposição das pessoas, a nível pessoal e profissional, mais oportunidades para participar, escolher e interagir de forma ativa (Simon 2010). Neste mesmo contexto, os museus se abrem hoje à possibilidade de o visitante participar, criar e partilhar devido as novas tecnologias que vêm sendo incluídas de forma gradual, possibilitando novos meios de interação e comunicação com as exposições.

Surge então, com a denominada geração digital, o conceito de interatividade, esse termo é definido como sendo um ato de interação entre pessoa-pessoa, pessoa-objeto, é a relação de dois ou mais, de forma abrangente. Para uma melhor compreensão, define-se que a interatividade é o conteúdo com a possibilidade de participação de seu receptor (GUIMARÃES, 2011).

- 1) Pessoa – Pessoa:** comunicação face a face entre duas pessoas.
- 2) Pessoa – Objeto – Pessoa:** comunicação entre duas pessoas, intermediada por um veículo de comunicação;
- 3) Pessoa – Objeto:** interação entre o homem e a máquina.

Adaptando o conceito de interatividade ao museu, a definição de museu interativo seria justamente o museu que na sua disposição do seu acervo convida e necessita do público para a transmissão da sua mensagem (MENEZES, 2011). Permitindo o poder tocar, sentir e experimentar o que era antes proibido, o que acaba tornando essa ideia ainda mais surpreendente (GUIMARÃES, 2011).

As pessoas não só veem e observam as exposições, mas de alguma maneira são instigadas a experimentar outras sensações além do visual, ele pode vivenciar sentindo, tocando, provando, construindo, e assim, consequentemente fixando na memória.

Esse modelo de museu, cria atividades lúdicas, diferentes do comum, pensadas pedagogicamente para atrair o visitante e assim, atingir o objetivo principal que é a aprendizagem por meio da diversão, facilitando a fixação do conteúdo.

A transição da visita contemplativa ao museu para uma visita interativa pode corresponder, como por exemplo, a transição passiva do simples ato de assistir televisão para o internauta que atua na internet. A estrutura multimídia dos museus interativos muito se aproxima a linguagem da internet, que propõe experiências individualizadas, que exigem participação e que proporciona diferentes leituras e camadas.

A partir dos artigos lidos sobre interatividade nos museus, foram encontradas 3 definições de técnicas de interação, segundo a pesquisa compreende-se que:

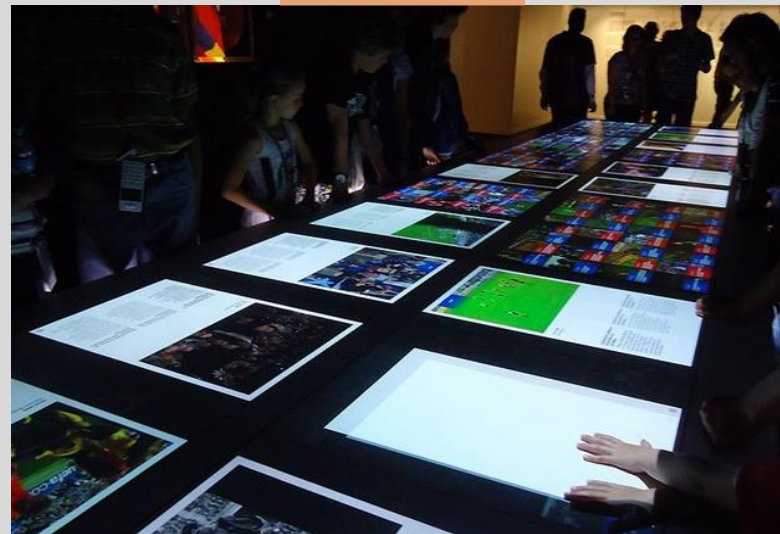
HANDS ON: (manual) é aquela em que o visitante toca o conteúdo e o manipula.

MINDS ON: (mental) é aquele na qual ao ser tocado, o conteúdo transmite uma mensagem, um conhecimento, estimulando o funcionamento da mente e instigando ainda mais o visitante. Esse tipo de interatividade nem sempre se produz pelo intermédio de recursos digitais, podendo a experiência ser “desencadeada” em momentos de interação entre visitantes ou por um processo de mediação ou visita guiada.”

HEART ON: (emoção cultural) busca uma identidade cultural do visitante com o objeto exposto e reforça as questões emocionais de vivenciar a experiência, transmite conhecimento ao mesmo tempo que emociona e encanta.

Muitos estabelecem um quarto nível, esse que gera surpresa para o visitante, que acontece de um movimento involuntário do mesmo.

Hands On.



Minds On



Há casos de grande sucessos de museus interativos ao redor do mundo. O Museu do Louvre é o museu mais visitado no mundo no ano de 2016, de acordo com o ranking do Themed Entertainment Association (2017), mas talvez possa surpreender que o Museu de Ciência e Tecnologia de Xangai, um dos mais novos, ocupe o sétimo lugar nesse ranking de “poderosos”. No Brasil, o Museu Interativo do amanhã, tornou-se o primeiro mais visitado, deixando em segundo lugar o MASP, SP.

A avaliação positiva dos museus interativos não significa que acreditamos que os museus tradicionais devam ser abolidos. Eles são fragmentos importantes da história e tem espaço dentro da diversidade de formatos que se propõe. Os museus interativos são apenas uma possibilidade de revitalização dos museus.

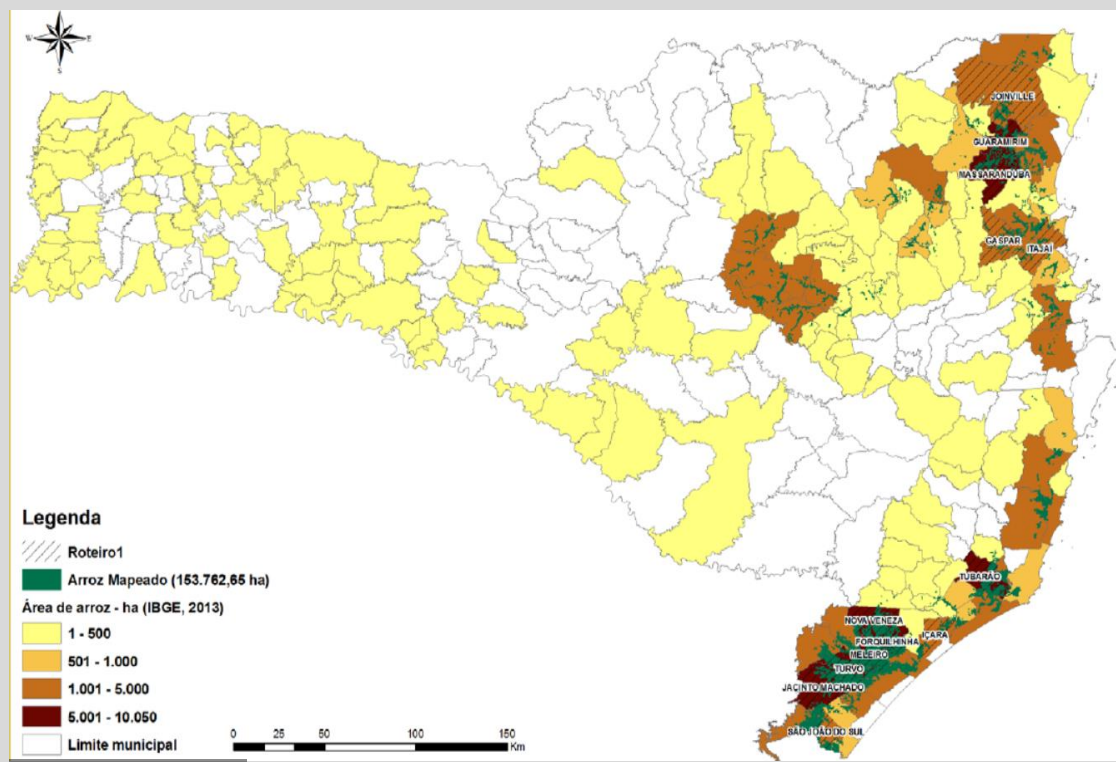
Museu de Ciência e Tecnologia de Xangai, China



Alguns autores apontam o Brasil como o primeiro país a cultivar esse cereal no continente Americano. A produção anual de arroz é de aproximadamente 606 milhões de toneladas. Nesse cenário, o Brasil participa com 13.140.900t (2,17% da produção mundial) e destaca-se como único país não asiático entre os 10 maiores produtores (FAO, 2006).

(<http://brazilianrice.com.br/br/sobre-o-brasil/>).

O arroz irrigado em Santa Catarina é cultivado em cinco regiões distintas por suas condições geográficas: Vale do Itajaí, Litoral Norte e região sul de Santa Catarina (EPAGRI, 2015). Mesmo com área bem inferior a de vários outros estados, Santa Catarina é o segundo maior produtor nacional de arroz. A mesorregião sul catarinense (formada pelas microrregiões de Araranguá, Tubarão e Criciúma) responde por 63% da área e 61% da produção estadual. Em Santa Catarina, destaca-se a microrregião de Araranguá, responsável por 35% da área e 33% da produção estadual (EPAGRI, 2015).



Fonte: Conab, 2015.

É possível encontrar no mercado vários tipos de Arroz, as características deste importante cereal possibilitam uma diversidade de formas de preparo, quer em pratos salgados ou doces, podendo ser associado a outros alimentos. Esse cereal, pode ser encontrado em forma de farinha, de papel, de bebidas alcóolicas e é até mesmo como objetos de artesanato.

Variedades mais comum do Arroz:



Arroz Branco: De coloração esbranquiçada, o grão é submetido a um processo de descamação e polimento. É o arroz mais barato, e o que tem o preparo mais rápido.



Arroz Integral: Por não passar pelo processo normal de industrialização, mantém a camada externa do grão, conservando as suas principais qualidades.



Arroz Parboilizado: A palavra parboilizado significa “parcialmente fervido”, o que faz com que os nutrientes da casca passem para a parte interna do grão. Não há nenhum aditivo químico neste processo, se difere pela sua mudança de coloração e sabor.



Arroz Negro: O sabor e a cor acastanhada não é muito popular no Brasil, mas já é conhecido na China há milhares de anos.



Arroz Cateto: Este tipo de arroz também é conhecido como ‘japonês’. Com grãos curtos, curvados e um pouco transparentes. A ingestão desse nutriente aumenta os níveis de serotonina no cérebro, promovendo a sensação de prazer.



Arroz Arbóreo: O arroz arbóreo é muito utilizado no preparo de risotos. Os grãos são longos, arredondados e de cor perolada.



CONTEXTUALIZAÇÃO URBANA

3

TIMBÉ DO SUL

O município de Timbé do Sul, está localizado no Extremo Sul Catarinense fazendo divisa com o Rio Grande do Sul. Possuindo a distância de 40 km do mar e 14 km da Serra, faz divisa territorial com as cidades de Morro Grande (ao Norte), Jacinto Machado (ao Sul), Turvo (ao leste) e faz fronteira estadual com o município de São José dos Ausentes/RG (ao Oeste).

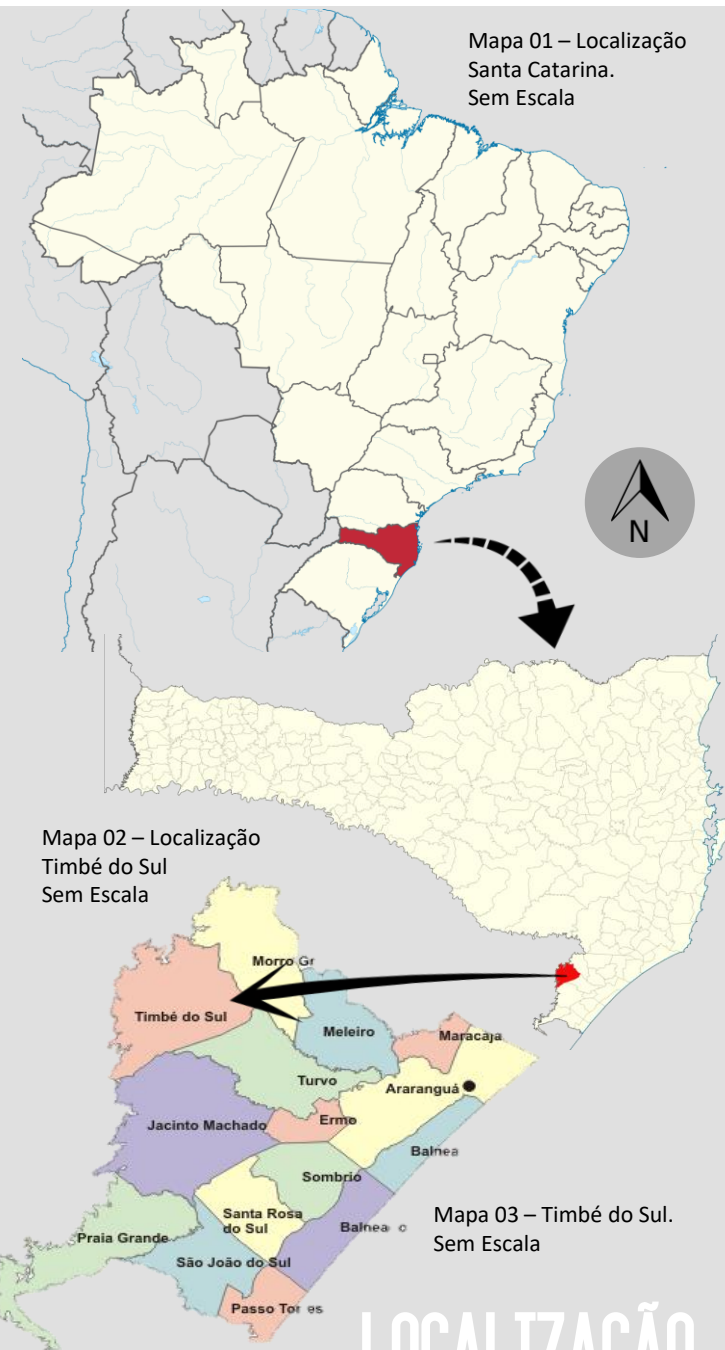
No ramo da agricultura, sua principal fonte econômica, destacam-se a rizicultura, fomicultura, avicultura e agricultura familiar desenvolvida em pequenas propriedades sob regime de subsistência. Na cidade há poucas empresas existentes, são essas de acabamento de costura, esquadrias de madeira e móveis.

Por conta desse panorama, sua população fica concentrada na zona rural, segundo os dados do IBGE 2010, os 5.308 habitantes estão distribuídos em uma área de 336 km², sendo esses divididos em 1.845 habitantes na zona urbana (34,8%) e 3.463 habitantes na zona rural (65,2%) característica contrária a do Estado de Santa Catarina que possui a maioria da população residente em áreas urbanas 84%, sendo que a população rural corresponde aos outros 16% do total.

O clima predominante é úmido, sendo que nos meses de novembro, dezembro e janeiro o clima é mais seco.

A região é entre coberta por rios de águas límpidas que nascem da Serra Geral, formando a hidrografia do município pelo nascedouro de sete importantes rios: Figueira, Fortuna, Rocinha, Serra Velha, Molha Coco, Rio do Salto e Amola Faca e córregos.

O principal evento festivo é o Festival do Voo Livre que acontece anualmente, a rampa da prática desse esporte encontra-se a 1.200 m de altitude, gerando uma visualização de todo o vale, atraindo atletas voadores de todo o Brasil, turistas e expectadores das mais diversas regiões do país.



Fonte dos Mapas: Amesc.

LOCALIZAÇÃO

CONEXÕES MICRO-REGIONAIS

Um dos acessos do município é a partir da BR-101, no viaduto entre a Sanga da Toca e Araranguá, sendo que ao dirigir-se a oeste localiza-se a BR-285. Existe também a possibilidade de um acesso alternativo pela rodovia SC-448, muito utilizado pela população timbeense que deseja se locomover para Araranguá ou Criciúma.

A opção de acesso a população gaúcha é pela Serra da Rocinha, através da BR-116 que se liga com a BR-285, tornando a cidade de Timbé do Sul um portal de Santa Catarina.

A BR-285 vem sofrendo alterações, referente a sua pavimentação e a criação de elevados no percurso da Serra Geral pois o trecho era considerado perigos devido a falta de sinalização, iluminação e proteção o que atrapalhava o fluxo.

Esse trecho tem entre suas principais funções proporcionar mobilidade ao tráfego de longa distância, além de promover a ligação de municípios da região norte gaúcha e do extremo sul catarinense, entre outros benefícios como a expansão econômica da região, o crescimento da atividade turística e a criação de um novo corredor para o escoamento da produção agrícola, atualmente já estão concluídas cerca de 25% das obras tendo sua previsão de entrega para setembro de 2018.

A cidade fica a 14 km da Serra e a 60 km do litoral, sendo a cidade litorânea mais próxima o Balneário Arroio do Silva.

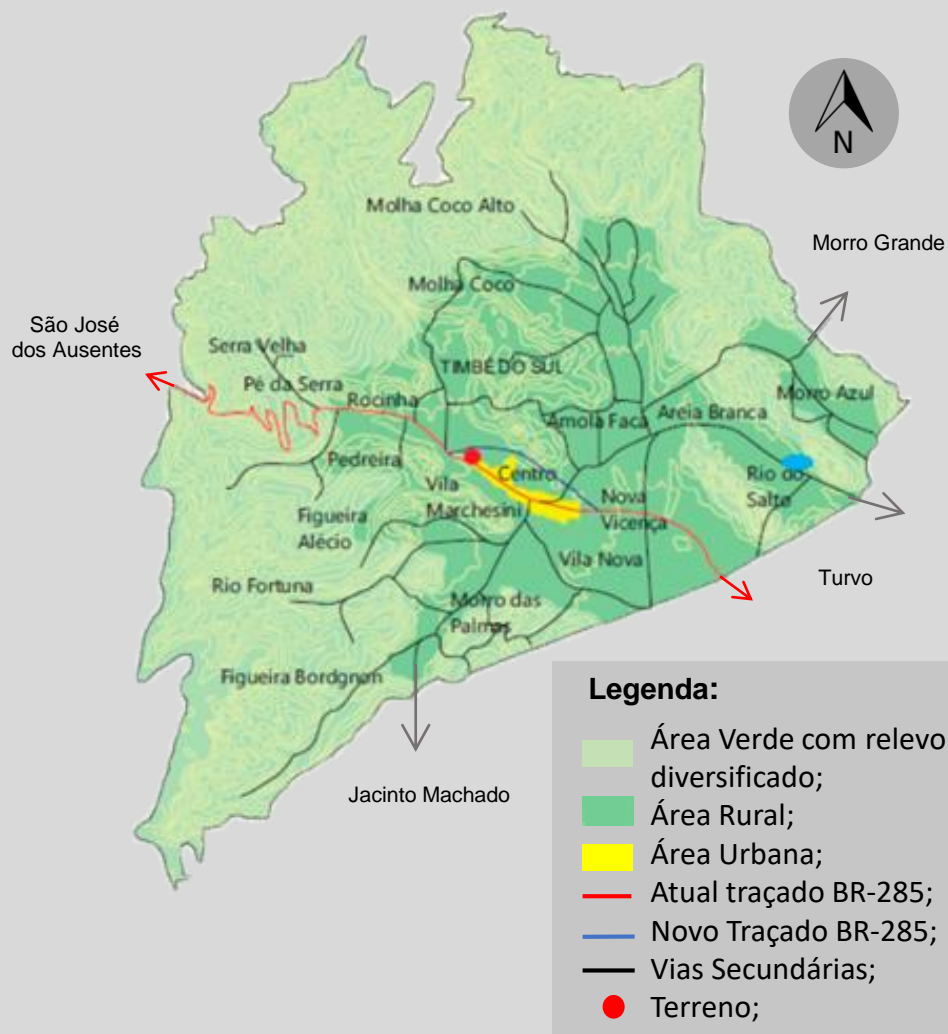
Mapa 04 – Localização Timbé do Sul
Fonte: Mapas Amesc, adaptado pela autora – Sem Escala



Legenda:

- BR-101
- BR-285
- Caminho Alternativo

12. CARACTERIZAÇÃO DA CIDADE



Mapa 05 – Timbé do Sul

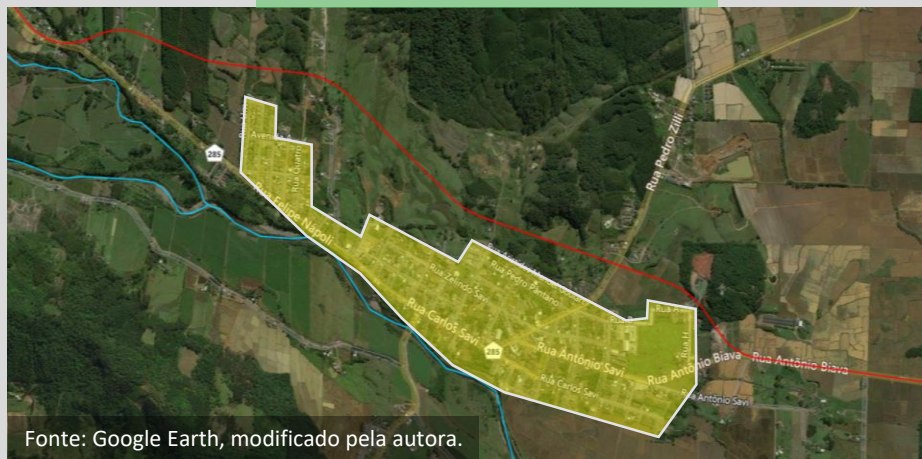
Fonte: Diana Rovares, adaptado pela autora – Sem Escala




Nesse mapa podemos analisar que a zona rural e a área verde são predominantes na cidade. Observa-se também que a pequena área urbana encontra-se na planície e os seu entorno se dá pelos limites das montanhas.

A malha urbana de Timbé do Sul se estende ao longo da rua principal da cidade e se localiza as margens do Rio Rocinha e do novo traçado da Br-285, é nesse perímetro que se encontra os principais equipamentos da cidade, como Escola, Creche, Prefeitura, Farmácia, e outros. A zona rural distribuída em 15 bairros não possui nenhuma infraestrutura urbana em serviços de saúde, educação e área de lazer.






Não existe meios de transporte público interno entre os bairros, a mobilidade acontece em sua grande maioria pelo uso da bicicleta devido as distâncias serem consideradas curtas, em segundo plano, predomina o uso da motocicleta pela sua economia e rapidez.

Área Urbana Timbé do Sul .



Serviços		
	Posto de Gasolina	02
	Hotel	01
	Banco	02

Comércios		
	Restaurante	01
	Farmácia	03
	Mercado	07

Lazer/ Cultura					
	Campo de Futebol	02		Igreja	01
	Praça	01		Bar e Mini Museu	01
	Rodoviária	01		Comércios Gerais	--



A única área pública de recreação e lazer existente é a praça central, essa pouco utilizada pelos moradores por não possuir árvores que garantam a permanência das pessoas em dias de muito sol e ser um espaço pequeno para qualquer tipo de atividade.

Não existem locais adequados destinados a reuniões, eventos ou festas, todos esses acontecimentos são realizados geralmente no Salão Paroquial, sendo esse inadequado levando em consideração as suas instalações.

No município, ainda existem algumas das primeiras casas construídas e algumas que foram construídas posteriormente possuem as mesmas características, como por exemplo o uso da platibanda ou o telha em duas águas, a construção no alinhamento da rua e além disso, o número de gabaritos, conformado por 1 ou 2 pavimentos no máximo, o que permite uma melhor visualização da paisagem e consequentemente a valorização da paisagem natural.

O município não possui plano diretor, nem legislação urbanística.

Creche Municipal.



Fonte: Secretária de Turismo T.d.S.

Posto de Saúde.



Fonte: Secretária de Turismo T.d.S.

Igreja São Roque.



Fonte: Zé Warnier

Praça Central.



Fonte: Zé Warnier

Hospital St. Antônio



Fonte: Secretária de Turismo T.d.S.

Prefeitura



Fonte: Autora.

Bar e Mini Museu



Fonte: Secretária de Turismo T.d.S.

Primeiras Construções .



Fonte: Autora.

LOCAIS AONDE ACONTECEM OS EVENTOS DA CIDADE

Locais de Reuniões e Palestras, ocorrem em lugares improvisados.



Fonte: Secretária de Turismo de Timbé do Sul.



Salão Paroquial, aonde ocorre a maioria dos eventos.



Fonte: Secretária de Turismo de Timbé do Sul.



Festa de Emancipação da Cidade, ocorre no centro da cidade.



Fonte: Zé Warnier.



Fonte: Zé Warnier.

Alguns eventos, pela falta de espaço ocorrem ao ar livre.



Fonte: Secretária de Turismo de Timbé do Sul.



Feira da Agricultura Familiar, acontece embaixo de uma grande tenda.



Fonte: Autora.



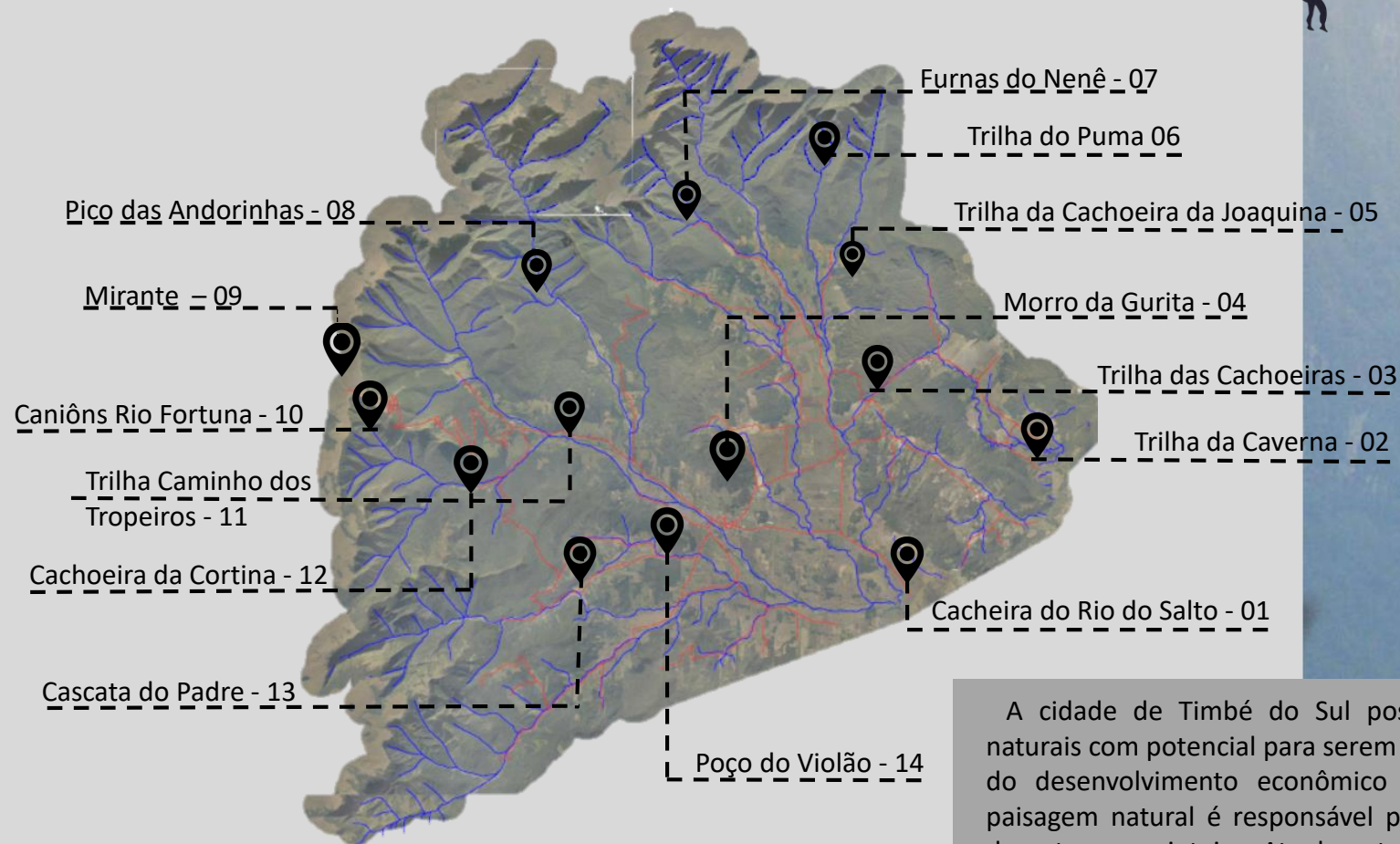
Fonte: Autora.



Fonte: Autora.

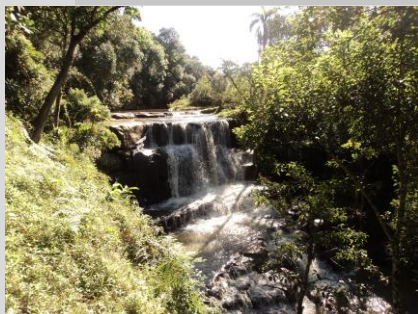


Fonte: Autora.

121
PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS DA CIDADE

A cidade de Timbé do Sul possui varias belezas naturais com potencial para serem exploradas em prol do desenvolvimento econômico da cidade, a sua paisagem natural é responsável por trazer visitantes durante o ano inteiro. Atualmente, a cidade não tem receptividade e apoio ao turistas, o que prejudica o desenvolvimento.

Timbé do Sul é um recanto maravilhoso, prodigiosamente ornamentado de belezas naturais tão variadas, que possui uma síntese de quase todas as paisagens rústicas e fascinantes, já esculpidas pela natureza, tais como: aparados, desfiladeiros, cascatas, montanhas isoladas e planícies entrecortadas por cordilheiras menores ou cursos de água (SAVI, 2008).



01 – Cachoeira do Rio do Salto.



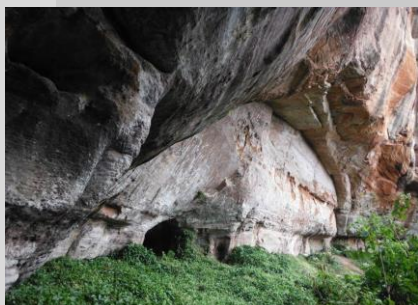
04 – Furnas do Nenê



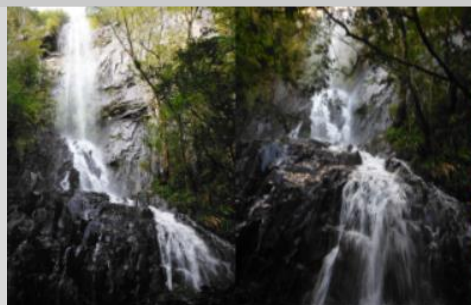
07– Furnas do Nenê



11 – Trilha Caminho dos Tropeiros



02 –Trilha da Caverna.



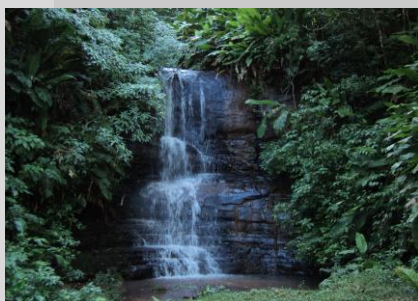
05 – Trilha da Cachoeira da Joaquina



09 – Mirante Alto da Serra



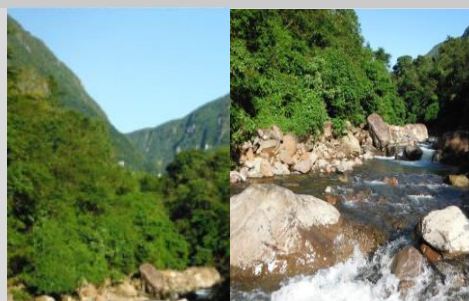
12 – Cachoeira da Cortina



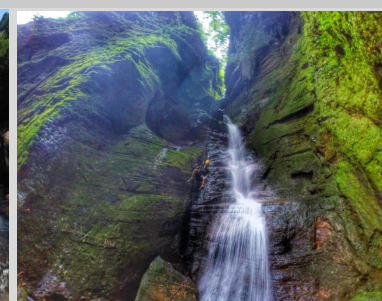
03 –Trilha das Cachoeiras.



06 – Trilha do Puma



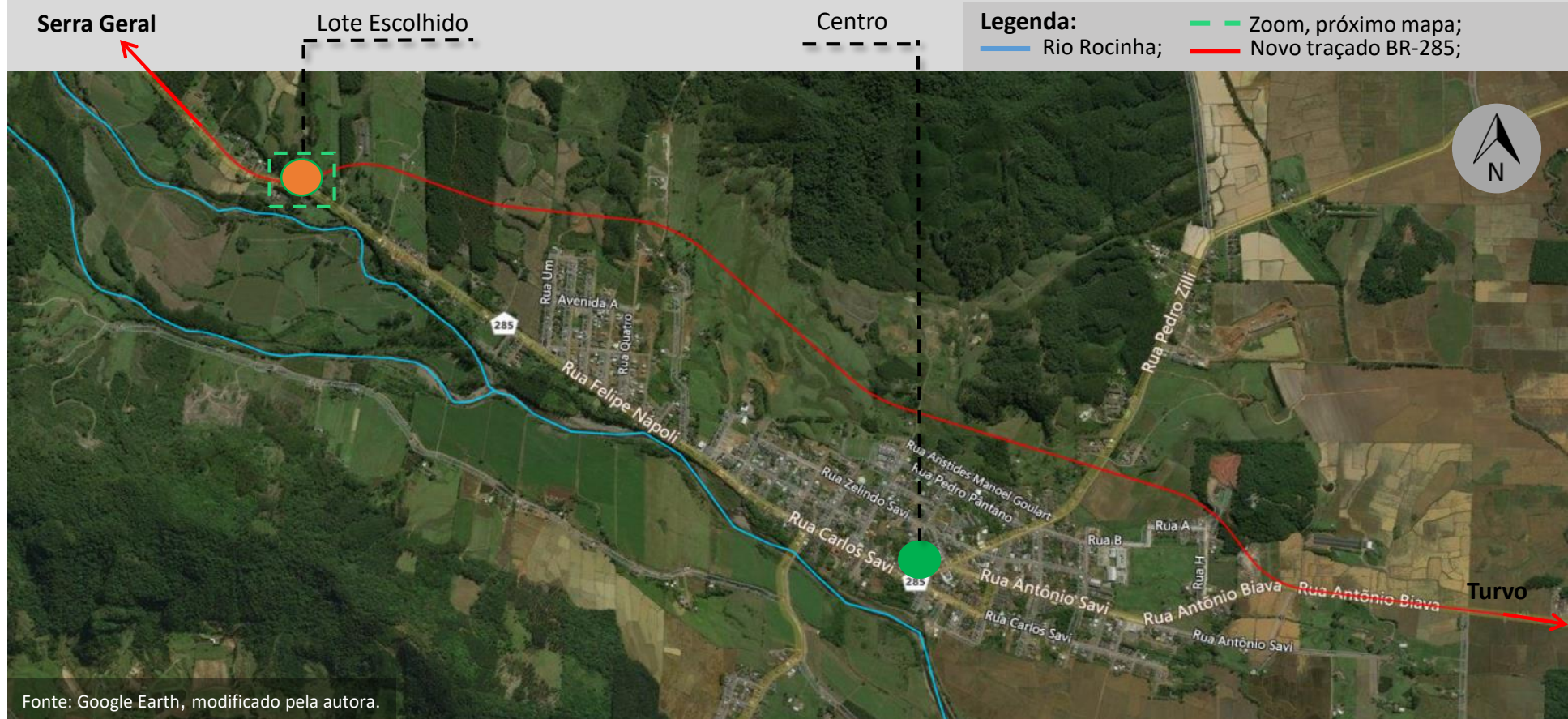
10 – Cânions Rio Fortuna



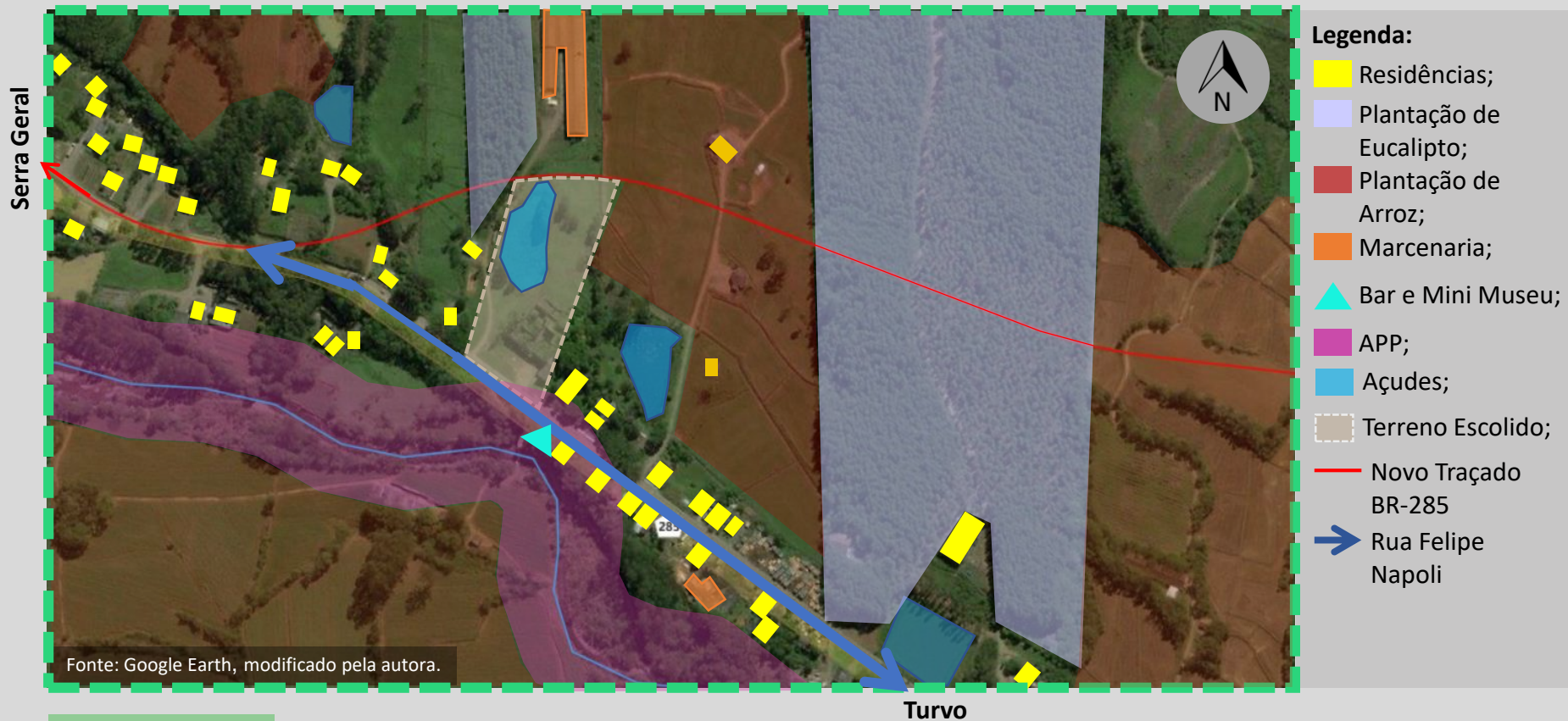
13 – Cascata do Padre

Uma curiosidade em relação ao lote, é que ele foi o primeiro a ser ocupado pelos tropeiros que procuravam novas terras para se fixarem, como relata esse pequeno trecho:

“[...] Viturino Duarte preferiu fixar-se a margem esquerda do rio Rocinha, nas imediações do atual Engenho Abel Dal Pont, que haviam alcançado seguindo as trilhas dos tropeiros via Rodeio da Corticeira [...]”. (SAVI, pg 17, ano 2008).



Fonte: Google Earth, modificado pela autora.



Bar e Mini Museu



Vista sentido Turvo:



Vista sentido Serra Geral:



Vista edificação existente:

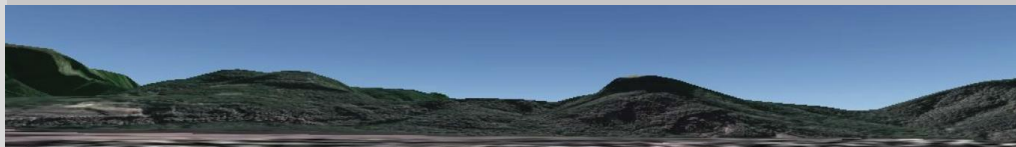


- | | | |
|---|--|---|
| — Novo Traçado BR-285; | — Via Local; | — Edificação Existente; |
| — Principal Rua. | — Açude; | → Ventos Predominantes. |

Critérios para a escolha do terreno:

- Terreno de fácil acesso, tanto para os moradores como para os visitantes;
- Próximo a área central da cidade, possuindo uma distância de 2km;
- Possui uma construção já existente, aonde que será aproveitado a estrutura da mesma;
- Possibilidade de requalificação de símbolo referencial da cidade, o que caracteriza o resgate da identidade do local;
- Valorização da paisagem;
- Localização estratégica, próximo a intersecção entre a BR-285 e a Rua Felipe Napoli que escoo o fluxo do centro da cidade.

Campos Visuais:



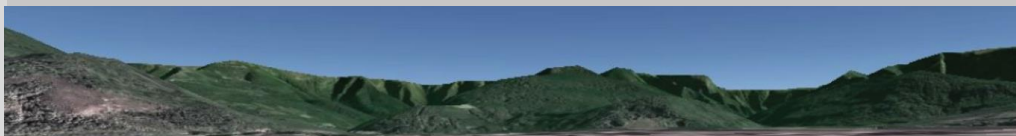
Visão dos Morros ao Norte (Morro Grande).



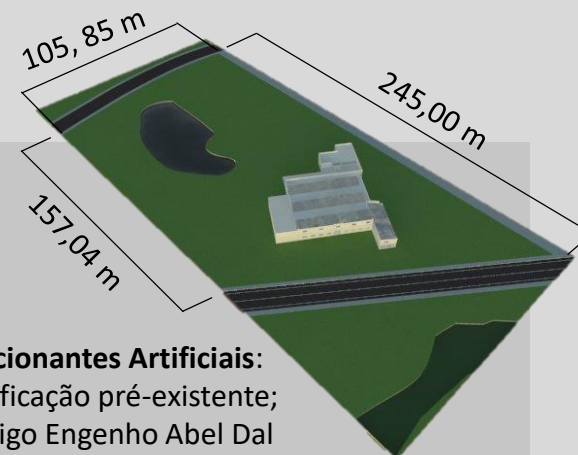
Visão dos Morros ao Leste (Turvo).



Visão dos Morros ao Sul (Jacinto Machado).



Visão da Serra Geral ao Oeste (São José dos Ausente/RG).



Condicionantes Artificiais:

- Edificação pré-existente; Antigo Engenho Abel Dal Pont;
- Acessos;
- Açude;

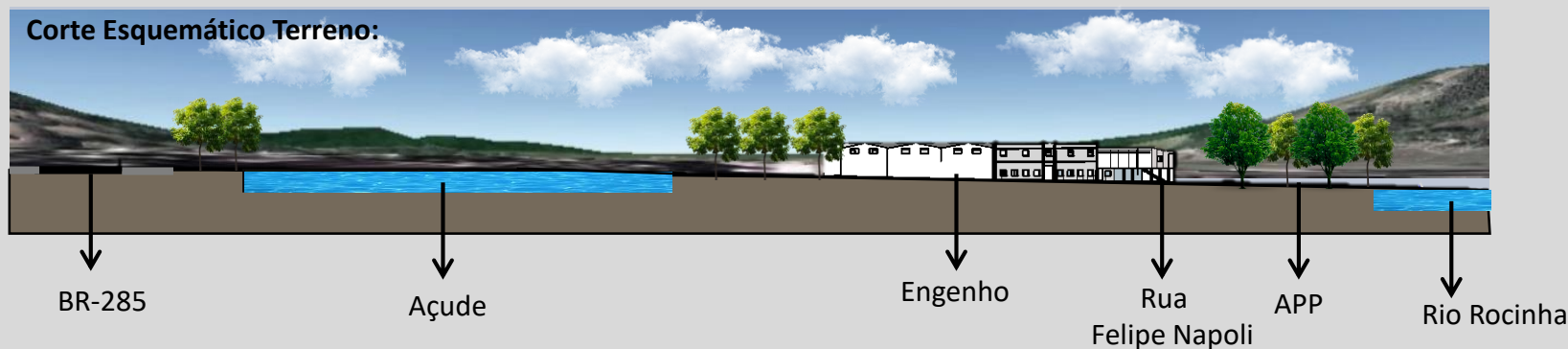
Condicionantes Naturais:

- Ventos Predominantes nordeste e o sudoeste;
- Insolação;
- Topografia leve;
- Skyline dos morros e cânions (visuais).

Área do Lote: 21. 614. 01 m²

Perímetro do lote: 641. 177 m²

Corte Esquemático Terreno:



15 ENGENHO ABEL DAL PONT - SITUAÇÃO ATUAL

Como já citado anteriormente, o Engenho Abel Dal Pont após ter decretado falência, passou por um processo de sucateamento, atualmente a construção encontra-se em estado de degradação.

A partir de relatos de antigos funcionários, Neusa Stecanella e Claudionor Vitalício, e das marcas deixadas na arquitetura do local, foi possível compreender o funcionamento da empresa e os vestígios existentes ali.

O arroz chegava de caminhão a granel, um dos primeiros processos que ele passava era a etapa de umedecimento, aonde permanecia certa de 8 horas em água fria, esse processo servia para que os grãos quebrados se unissem e assim garantiria o máximo de aproveitamento da carga.

Logo a após, era encaminhado para as fornalhas - essa ainda conservada no local – para o processo de secagem. O arroz era colocado nos silos para o processo de resfriamento dos grãos, e depois passava pelo processo de limpeza e descascamento dentro das máquinas eletrônicas, feito isso, os empregados separaram o grão bom do grão ruim e o embalavam em sacos de linhagem, esses costurados a mão e remendados para assim serem transportados.

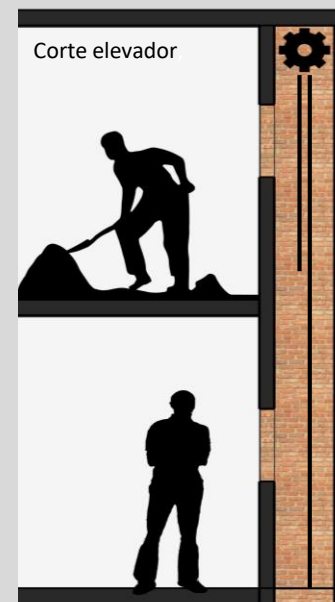
Os que não eram transportados eram armazenados no segundo andar do edifício, o arroz era transportados por elevadores (fotos ao lado) que possuíam em seu interior uma engrenagem com pequenos canecos que passavam recolhendo o arroz, esses elevadores são encontrados em várias partes da edificação. Outro detalhe comentado pelos antigos funcionários, era de que nos fundos do terreno, ficavam as casas dos empregados que ali ficavam.



Fonte: autora.



Fonte: autora.



Corte elevador



Fonte: autora.

Sistema Estrutural:

O edifício possui paredes estruturais, feitas com tijolos maciços com cerca de 30 cm de espessura. Os pilares contribuíam para ajudar no peso da armazenagem do arroz que ficava no segundo andar.

O chão do edifício possuía uma camada de concreto e sobre ela uma camada asfáltica, por cima dessa segunda camada existia o assoalho de madeira que revestia todo o edifício, menos na parte aonde ficavam as fornalhas.

O piso do segundo pavimento também era todo em madeira, sendo esse retirado e não encontrado no local, apenas são encontradas as estruturas que o sustentavam. O seu telhado era em placas de fibrocimento, esse dentro de cada divisão em duas águas.



Fonte: autora.



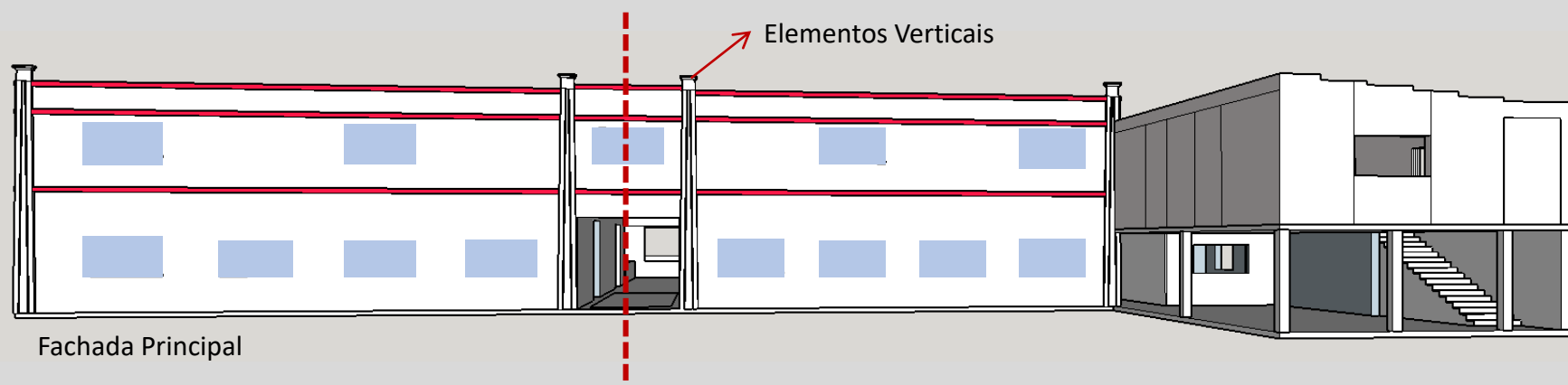
Fonte: autora.



Fonte: autora.

Análise da linguagem do edifício :

Apesar de ser uma construção sem um desenho arquitetônico, o edifício existente possui alguns elementos que marcam a sua fachada principal, como o uso das linhas horizontais e verticais, que aparecem com força na marcação da platibanda e nos detalhes verticais que marcam a entrada e as extremidades, o ritmo também está presente na repetição das janelas, assim como a simetria. Uma parte do edifício foi construída posteriormente, saindo dessa linguagem, mas uso das linhas mesmo que timidamente, continuaram, com detalhes de negativo na fachada e com a repetição dos pilares.



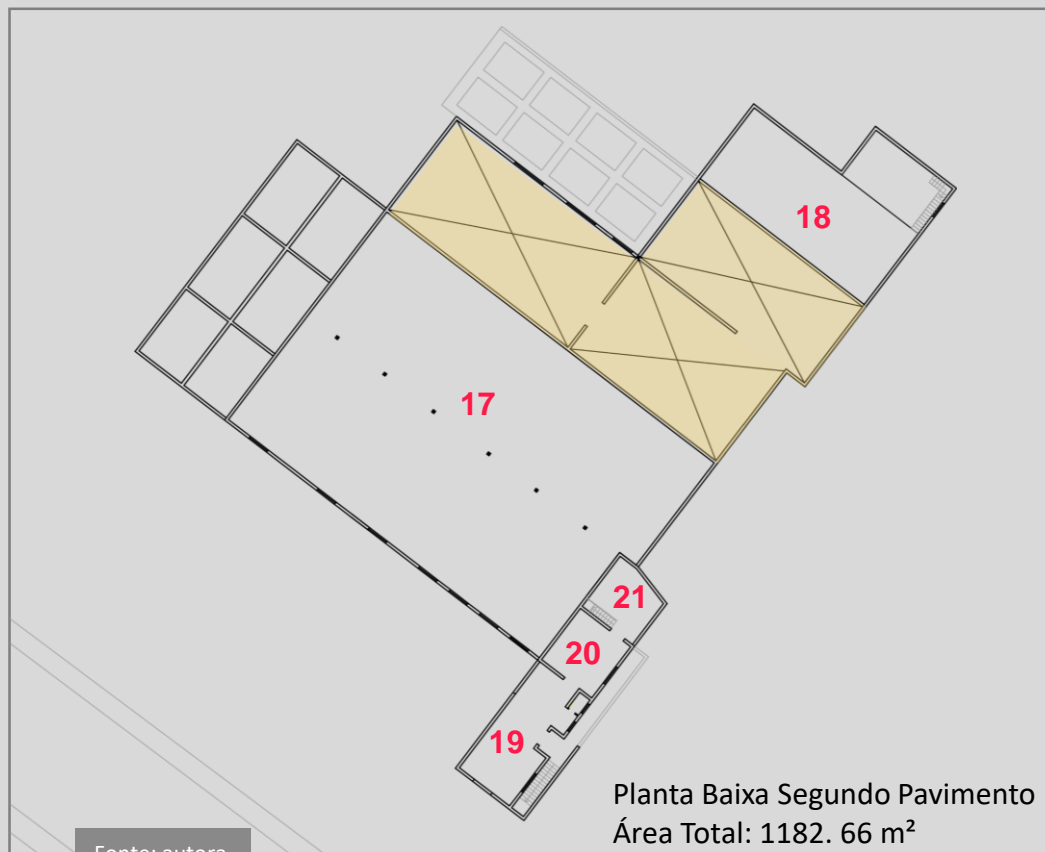


Áreas:

- 1- Balança de Pesagem - 39.18 m²
- 2- Máquinas Eletrônicas - 189.75 m²
- 3 - Sala de Pré Limpeza - 182.21 m²
- 4 - Transição - 162.50 m²
- 5 - Armazenagem Arroz - 189.75 m²
- 6 - Silos - 167.50 m²
- 7- Fornalhas - 163 m²

- 8- Depósito de Lenha - 46 m²
- 9- Recebimento - 225 m²
- 10- Banheiro - 37.95 m²
- 11- Depósito Objetos - 37.95 m²
- 12- Acesso Varanda - 41.68 m²
- 13- Garagem - 70 m²
- 14- Almojarifado - 20.84 m²
- 15 - Depósito - 23.14 m²
- 16- Armazenagem - 225 m²





Fonte: autora.

Áreas:

- 17- Armazenagem – 825. 64²
- 18 – Varanda – 145.60 m²
- 19 – Contabilidade – 62. 45 m²
- 20 – Compras – 32.29 m²
- 21 Sala de Espera - 29. 21 m²

A área total do edifício em seu período de funcionamento era de 3. 360 m², a sua dimensão ajuda a compreender a potência que essa empresa era na época.

Perspectivas de Reconstituição:





PARTIDO 4

16. REFERENCIAIS

Campus Cultural para Anqiu

Dados Gerais:

Arquitetos: LITTLE

Localização Anqiu, Weifang, Shandong, China

Área 49.997 m²

Ano do projeto 2017

Esse projeto chama atenção pela sua forma, os equipamentos são conformados em grandes blocos soltos individuais, fazendo com que seja possível uma permeabilidade do usuário pelo local, os edifícios do campus são conectados por uma cobertura extensa que estipula e delimita os caminhos. Devido a estrutura metálica da cobertura e sua forma leve, transmitem leveza ao local e a mesma se evidencia em contraste com grandes blocos fechados.

O conceito que o arquiteto tira partido é outro ponto que chama atenção, a arquitetura foi toda pensada e influenciada pela paisagem do local.



Fonte: <https://www.archdaily.com/498134/little-designs-locally-inspired-cultural-campus-for-anqiu>



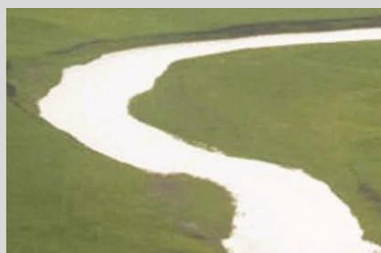
Fonte: <https://www.archdaily.com/498134/little-designs-locally-inspired-cultural-campus-for-anqiu>



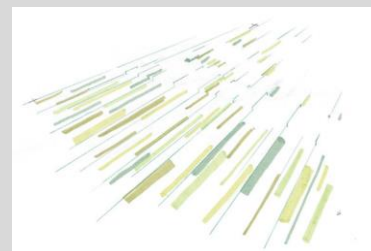
Função: O campus é formado por cinco edifícios, esses divididos em locais distintos, um centro multifuncional, uma biblioteca pública central, um para performances de artes e dois museus dedicados a história e ao desenvolvimento urbano de Anjiu.

Forma: A região aonde o projeto foi realizado é conhecida localmente como a terra do “cultivo, colinas e riachos”, sendo que esses elementos servirão de inspiração para a forma do campus.

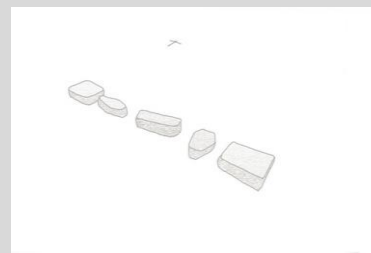
Materialidade: Os elementos da natureza também servirão de inspiração para o uso da materialidade do complexo, cada um dos edifícios será revestido por painéis de pedra local, transformando-os em afloramentos rochosos que referenciam as colinas locais. A paisagem rural de Anjiu, semelhante a uma colcha de retalhos, será representada pelo revestimento cerâmico e pela pavimentação dos pavilhões do campus. Os passeios cobertos - elementos de circulação - homenageiam os diversos riachos da região.



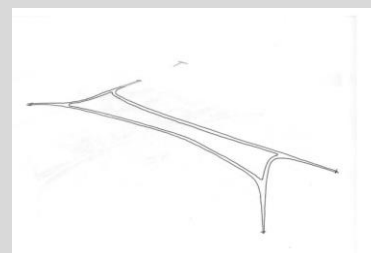
+



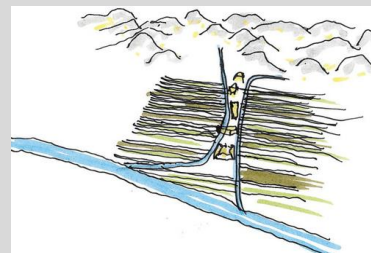
+



+



=



Projeto Sesc Pompéia

Dados Gerais:

Arquiteta: Achilina Bo Bardi

Localização: São Paulo, Brasil

Área: 23.571 m²

Ano do Projeto: 1986

O projeto desse centro de lazer está intimamente ligado à história do local de sua implantação.

Na década de 30, a empresa alemã Mauser & Cia Ltda. construiu no local uma fábrica de tambores de óleo e durante a Segunda Guerra Mundial, ela foi abandonada. O projeto arquitetônico de intervenção de Lina Bo Bardi mantém a estrutura original da antiga fábrica de tambores, preservando a identidade do lugar familiarizado à população que o apropria.

“Preservar a fábrica é preservar um pedaço da história da cidade, mas um pedaço da história como ela é mesmo, sem disfarces. Nada daquele conceito de que só deve permanecer o que é belo. O que é típico deve ser valorizado. Mesmo que seja simples, como seria obrigatoriamente uma fábrica de tambores”, assim Lina definiu o projeto em uma entrevista ao jornal em 1977. (<https://spcity.com.br/sesc-pompeia-arquitetura/>).

Esse referencial se torna interessante pois parte do mesmo princípio desse projeto, tomar como partido principal a restauração e reciclagem tendo em vista uma arquitetura que materialize a convivência em comunidade, inserindo nesse meio, valores culturais.

Investiu-se na criação de ambiências munidas de elementos estimulantes à memória e ao imaginário da população, para que essa se sinta incentivada a realizar as atividades desenvolvidas no complexo, essas intenções podem ser visualizadas em decisões projetuais que tiram proveitos dos elementos existente da fábrica.



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/sesc-pompeia/>

Um exemplo da forma como Lina Bo Bardi evoca a memória do habitante quanto à sua cultura é a inserção de um espelho d'água que remete ao Rio São Francisco.

Função: O novo uso para o edifício da antiga fábrica propõe oferecer atividades culturais de maneira diferenciada. Ao invés de se criar um espaço de espetáculo e contemplação, assim como nos museus convencionais o SESC Pompéia se apoia na ideia de reunir a população, através do convívio e da troca de experiências em comunidade. O SESC Pompéia é um centro de cultura e lazer , que inclui teatros, quadras esportivas, piscina, lanchonete, restaurante, espaços de exposições, cervejaria, oficinas, entre outros serviços.

Forma: Os galpões desenvolveria o setor cultural/artístico do programa e então faltaria implantar a área esportiva ao conjunto, devido a área reduzida do local para a localização do conjunto esportivo optou-se pela verticalização em dois blocos de concreto, que segundo a arquiteta, reproduzia os sólidos volumes dos fortes militares. O de maior proporção serviria para abrigar as quadras e outro para abrigar os vestiários sendo esses interligando por passarelas. A composição é completada por uma torre cilíndrica que representa a figura das grandes chaminés existentes nas fábricas de São Paulo.

Materialidade: tijolos maciços, concreto aparente, metal e telhas de barro



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/sesc-pompeia/>



Setor Cultura e Lazer

Setor Esportivo

Setor Administrativo

Setor Serviços

▪ A PROPOSTA

O que é?

Museu Interativo do Arroz.

O que visa?

Resgatar, preservar e apresentar a importância do cultivo do arroz.

Quem são os usuários?

Cidadãos da região sul catarinense e buscadores de conhecimento.

Quais são os acervos?

Documentos, fotos, objetos, vídeos, áudios e oficinas.

Quais são as atividades prestadas?

Atividade museológica, espaços de estar, lazer e serviços.

A principal intenção de projeto de criação do Museu do Arroz seria a valorização da cultura da produção de arroz na região, requalificando o edifício aonde funcionava uma empresa de beneficiamento de arroz e hoje considerada um dos marcos da cidade de Timbé do Sul, resultando na melhoria da paisagem e na sua infra estrutura, afim de promover o turismo.

Pretende-se respeitar as características do edifício existentes, fazendo poucas alterações em relação a sua tipologia e resgatando algumas de suas funções e atividades que eram realizadas ali. Para auxiliar no funcionamento do museu, será construído outros espaços, esses serão evidenciados pela a sua materialidade e pela sua forma mais livre e aberta, fazendo com que a paisagem seja uma continuação do museu mas sem perder a conexão com a construção já existente.

Outra intenção de projeto, seria abrir o complexo para os moradores independente do horário de funcionamento do museu.

Diretrizes:

1 Requalificar o antigo Engenho Abel Dal Pont para que esse seja uma fonte atratora para Timbé do Sul.

2 Propor espaços museológicos onde os visitantes interajam, aprendam e vivenciem a história do Arroz.

3 Estabelecer relação arquitetônica como entorno, fazendo a relação entre o existente, construído e a paisagem.

4 Evidenciar a originalidade do engenho, tendo em vista a sua própria arquitetura como parte do museu.

5 Criar equipamentos de apoio ao museu e que sirvam, independente do horário como infraestrutura para a cidade.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

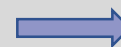
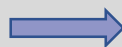
Espaço de Exposições:			
Apresentação	49.10 m ²	Sala 01 – Acervo Permanente	167 m ²
Recepção	44.40 m ²	Sala 02 – Acervo Permanente	300 m ²
Banheiro Fem/Masc	31.50 m ²	Sala 03 – Acervo Permanente	166 m ²
Sala de Higienização	29.22 m ²	Oficina	350 m ²
Setor Administrativo:		Setor Funcionários:	
Recepção	11.23 m ²	Vestiário	12 m ²
Sala Diretoria	5.91 m ²	Banheiro Fem/Masc	7 m ²
Sala de Reuniões	6.27 m ²	Espaço de Contemplação	38.12 m ²
Banheiro Fem/Masc	4.66 m ²		
Auditório:		Restaurante:	
Hall	15.44 m ²	Cozinha	9.22 m ²
Vestiário Fem/Masc	7 m ²	Área de Limpeza	9.22 m ²
Plateia 200 pessoas	73.93 m ²	Atendimento	--
Palco	13.76 m ²	Alimentação	51.81 m ²
		Banheiro Fem/Masc	7.87 m ²
Serviços:		Outros:	
Loja Souvenir	55.43 m ²	Mirante	--
Feira	300 m ²	Vagas Veículos	1000 m ²

171. EVOLUÇÃO DE PARTIDO

Primeiro estudo apresentado na pré-banca de TCC – I. Com o aprofundamento dos estudos foi estipulado um novo zoneamento, tendo em vista o cuidado com a dimensões do equipamentos a serem construídos.

A partir da evolução do primeiro rabisco, percebeu a importância de dar ao museu uma continuidade em relação as suas atividades, fazer com que não houvesse interrupção na sequência do museu.

A terceira opção partiu da intenção de evidenciar o antigo edifício existente e a paisagem natural, criando um anexo menos imponente em dimensão e em gabarito.

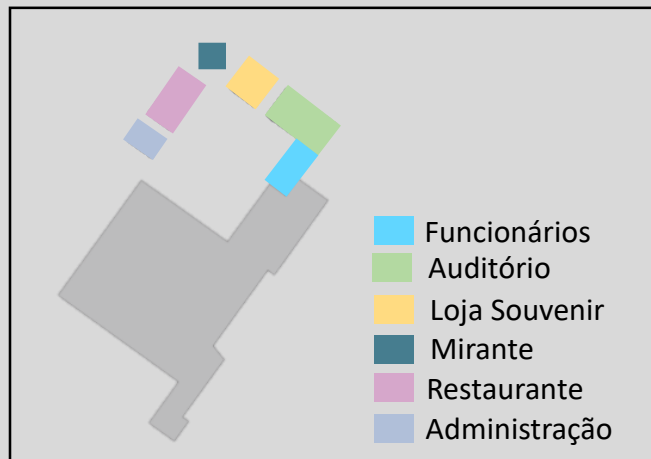


172 ESQUEMAS EVOLUTIVOS

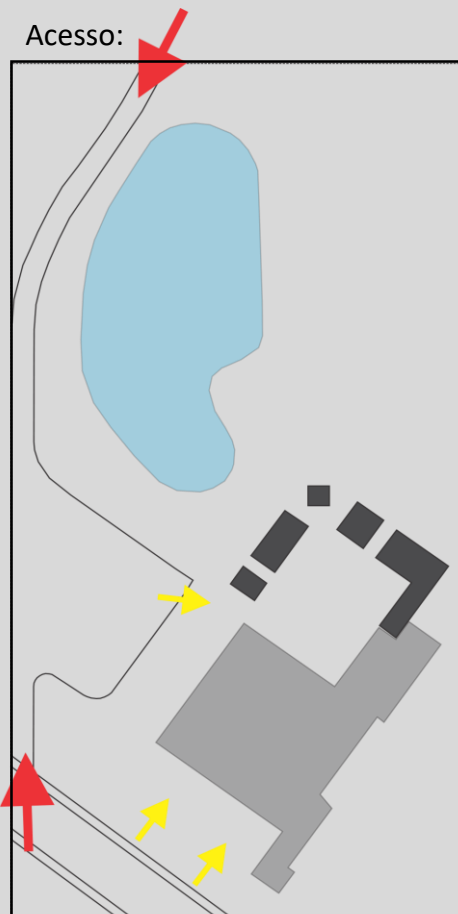
Primeiro estudo de volumetria:



Usos:

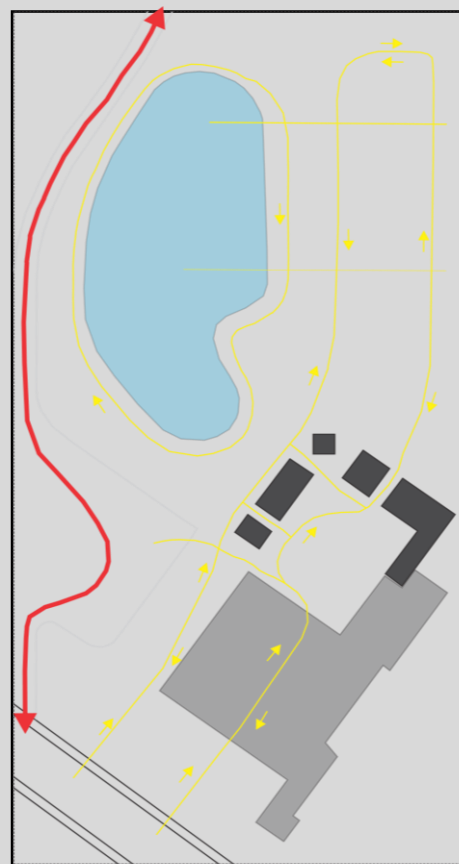


Acesso:



→ Acesso Pedestres
→ Acesso Veículo

Fluxos:



→ Acesso Pedestres
→ Acesso Veículo

17.3 EQUIPAMENTOS

Mirante construído para possibilitar a contemplação da paisagem natural, afim de promover o turismo.

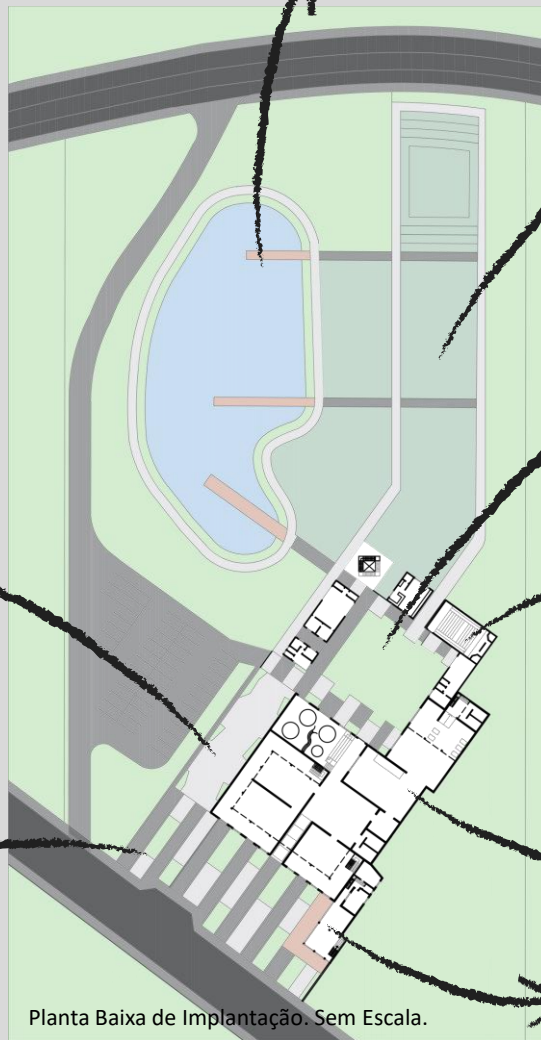


Espaço para a exposição de **feirinhas** das famílias agricultoras e artesãos.



Praça com desenho inspirado nos desenhos das plantações de arroz.

Circuito de caminhada ao redor do açude e deck para pescaria e contemplação.



Planta Baixa de Implantação. Sem Escala.

Plantio modelo de arroz, como parte do acervo do museu, permitindo com que o visitante tenha contado direto com o arroz desde sua plantação - toda produção será usada para uso do museu. A plantação possui diferentes tipos de arroz e caminhos para contemplação.

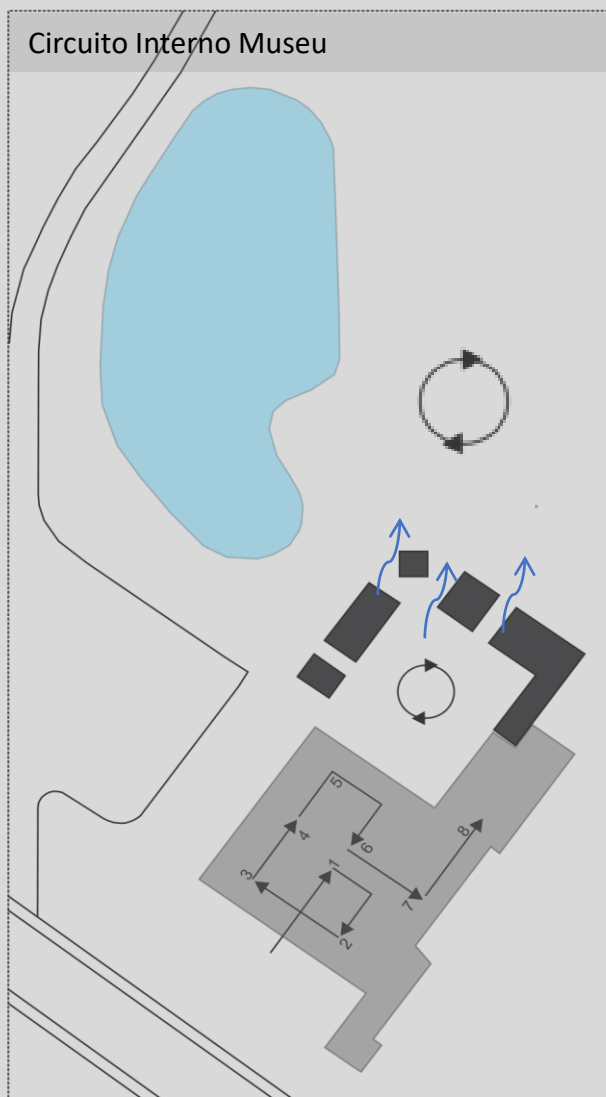
Praça de permanência e exposições temporárias.

Auditório para contribuir e auxiliar nas diferentes reuniões e/ou apresentações feitas pelo museu ou pela comunidade. Palestras para os agricultores da região afim de capacitá-los ainda mais para o plantio.

Salas interativas foram criadas a partir da memória do engenho utilizando de alguns elementos existentes, como os elevadores, fornalhas e as brincadeiras relatadas e realizadas pelos funcionários.

PuB

Afim de promover o funcionamento do equipamento durante 24 horas.



■ Construído 858,14 m²
 ■ Existente 2.886,44 m²
 Total: 2.886.44 m²

1 – Recepção: é o setor inicial do circuito do visitante, será aonde ocorrerá uma breve introdução e devidas orientações para preparar o visitante para o museu.

2 – Arroz no mundo: Contém acervos físicos e digitais que mostram o cultivo do arroz dentro de uma linha do tempo (desde o cultivo na Ásia, até o começo do cultivo no Brasil). O setor mostra a importância do arroz para a região até os dias atuais.

3 – Do campo para a mesa: Acervo que mostra como o arroz é cultivado, colhido e os tipos de arroz e suas variações esses apresentados em formas de vídeos e jogos, assim como, será estimulado o toque, expondo os tipos de arroz fisicamente.

4 – Arroz e Arte: Setor com as curiosidades que envolvem o arroz pelo mundo, assim como a produção de mosaicos de arroz e itens de artesanato, que podem ser produzidos pelo visitantes e expostos temporariamente.

5 – De acordo com relatos dos antigos funcionários, pular, deitar e descer as pilhas de arroz era uma das distrações na empresa, por conta disso foi criado uma sala com pilhas de arroz que remetem a memória do engenho e estimulam o contato entre o arroz e o visitante.

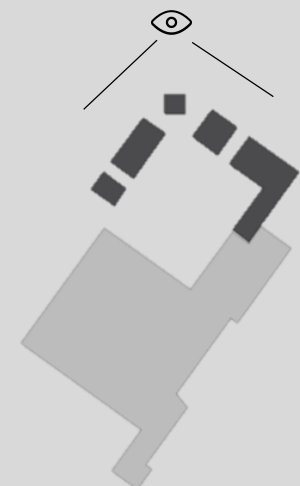
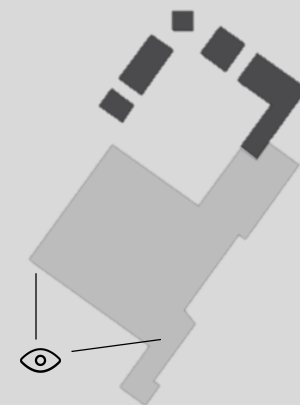
6 – O visitante retorna para a recepção para ser preparado para a próxima atividade no museu, a oficina de culinária.

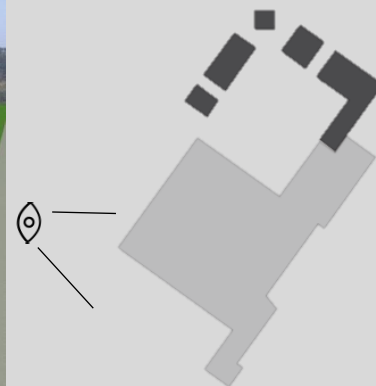
7 – Uma sala de higienização serve para que o visitante possa vestir-se adequadamente e assim garantir a higiene do local.

8 – O visitante recebe aulas de culinárias referentes a alimentos derivados do arroz, como a cachaça, o bolinho, a farinha e outros. Na próxima etapa, dentro da oficina o visitante teria a oportunidade de usar os elevadores que subiam o arroz para o segundo andar e descascar o seu próprio arroz afim de prepara-lo e experimentar o seu sabor.

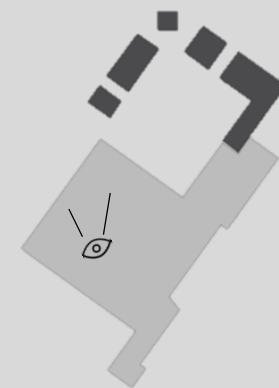
9 – Espaço livre com objetos expositivos e plantações modelo de arroz aonde o visitante pode estar colhendo e aprendendo a cultivar na prática.

PERSPECTIVAS





Pretende-se reconstituir a cobertura do Engenho utilizando ferragens usadas nos silos de arroz. O uso de Metal é para referenciar as máquinas usadas na época e contrastar com o material existente.



REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSINELLO, P. Z.; CASTRO, E. da M. **Arroz como alimento**. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 25, n. 222, p. 101-108, 2004.

BOLSON, Jaisa H. Gontijo. 2004. **A importância da paisagem na atividade turística**. Disponível em: www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html. Acesso em: 15 setembro 2017.

BOULLÓN, Roberto. **Planificação do espaço turístico**. México: Trillas, 1994. 245p.

BRAZ, Ivo André. **O que exatamente torna os museus de hoje tão diferentes, tão atraentes?**. MIDAS, museus e estudos interdisciplinares, [S.L], abr. 2016. Disponível em: <<https://midas.revues.org/952>>. Acesso em: 24 set. 2017

CARVALHO, Paulo. **Património Cultural, ordenamento e desenvolvimento**:

COLAVITE, Ana Paula. **Geotecnologias aplicadas à análise e à representação da paisagem do município de Campo Mourão-Paraná**. In PONTILI, R.M; COLAVITES, A.P. Estudos Regionais, enfoques socioeconômicos, ambiental, educacional e da paisagem. Editora FECILCAM, 2009.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos chaves de museologia**. São Paulo: Armand Colin, 2013. 98 p

FERREIRA, Inês. **Objetos mediadores em museus**. MIDAS, 4 | 2014, posto online no dia 10 Fevereiro 2015, consultado no dia 09 Novembro 2017. URL : <http://midas.revues.org/676>.

GUIMARÃES, Cláudio Jorge. Museus Interativos: uma alternativa para a educação no século XXI.

LIMA, Fabio Rogério. **Museu e suas tipologias: o web museu em destaque**. Inf. & Soc. Est., João Pessoa, v.24, n.2, p. 57-68, maio/ago. 2014.

MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João. **A Revitalização Urbana**. Cidades - Comunidades e Territórios, [S.L], n. 1213, p. 15-34, out. 2006.

PINHO, Ana Claudia Da Costa. **Conceitos e políticas europeias de reabilitação urbana** . Tese apresentada na Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: 2009.

POLLETTE, Marcus. **Paisagem uma reflexão sobre um amplo conceito**. Turismo, visão e ação, [S.L], n. 3, p. 83-94, abr./set. 1999.

RODRIGUEZ, J. M. **Apuntes de Geografía de los Paisajes**. Ciudad de la Habana: Universidad de La Habana. Facultad de Geografía, 1984. 468p.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo** . Globalização e Meio Técnico-científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1996. 190p.

SAVI, Hamilton. **Um mergulho no passado**. 1 ed. Florianópolis: PostMax, 2008. 229 p.

SAVI, Hilário. **Timbé do sul: Um pouco de sua história**. 1 ed. Florianópolis: Palotti, 1992. 163 p.

SILVA, Paula Zasnicoff Duarte Cardoso. **A dimensão Pública da Arquitetura em Museus**. Dissertação apresentada ao curso de mestrado da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Uma nova visão e valorização do território. In Cadernos de Geografia, N.º 24/25, 2005-2006. Instituto de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Coimbra, 2005.

VARGAS, Heliana Comin. Centros Urbanos: Por quê intervir?. Palestra apresentada no Seminário Internacional de Reabilitação de Edifícios em áreas centrais. São Paulo: EPUSP, 2006.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard (Orgs.). **Intervenções em centros urbanos. Objetivos, estratégias e resultados**. 2ª edição, Barueri, Manole, 2009.

VASQUES, Amanda Carvalho. **Refuncionalização de Brownfields**. Dissertação de mestrado apresentada na Pós-Graduação de Geografia em Rio Claro, SP. 2005

WEBER, Jéssica André. **Arroz: Características químicas, culinárias e nutricionais das diferentes variedades consumidas no Brasil**. Trabalho de conclusão de curso apresentada na Universidade de Brasília, 2012.

SITES ACESSADOS

Espaços Públicos: a transformação urbana com a participação da população. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/875364/espacos-publicos-a-transformacao-urbana-com-a-participacao-da-populacao>. Acesso em: 27 de Agosto de 2017.

Histórico da produção de arroz irrigado. Disponível em: http://www.epagri.sc.gov.br/?page_id=1343. Acesso em: 23 de Agosto de 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=timb%C3%A9%20do%20sul&searchphrase=all>. Acesso: 24 de Outubro de 2017.

Intervenção na Cracolândia: Luz para quem?. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/nova-luz/> . Acesso em: 27 de Agosto de 2017.

Intervenções urbanas: renovação, requalificação e revitalização. Disponível em: <https://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com/2016/07/25/intervencoes-urbanas-renovacao-requalificacao-e-revitalizacao/>. Acesso em: 27 de Agosto de 2017.

Masterplan Estratégico para o Centro Antigo de Salvador. <http://www.archdaily.com.br/br/624697/masterplan-estrategico-para-o-centro-antigo-de-salvador-carlos-leite-e-adriana-levisky>. Acesso em: 27 de Agosto de 2017.

O que é Ecomuseu?. Disponível em: http://www.ecomuseusantacruz.com.br/sobre/o_que_e. Acesso: 23 de outubro de 2017.

Organização Mundial do Turismo. Disponível em: www.world-tourism.org. Acesso: 23 de outubro de 2017.

Os resultados e a história do projeto de restauração do Cheonggyecheon. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/234/restauracao-do-cheonggyecheon-seul-coreia-do-sul-296126-1.aspx>. Acesso em: 28 de Agosto de 2017.

Portal do Instituto brasileiro de museus. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/tag/demu/> . Acesso: 24 de Outubro de 2017.

Projeto final para a Nova Luz. Disponível em: <http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/210/o-valor-do-centro-235077-1.aspx>. Acesso em: 27 de Agosto de 2017.